

REVISTA MILITAR

Administração — Largo da Anunciada, 9 — Lisboa

N.º 11

Novembro de 1916

Ano LXVIII

Director, proprietario e editor — Empreza da *Revista Militar*

Composição e impressão na TIPOGRAFIA UNIVERSAL

pertencente a *Coelho da Cunha Brito & C.ª* — Rua do Diario de Noticias, 110 — Lisboa

APONTAMENTOS DA GUERRA

III — **A infantaria**

Tendo-nos occupado nos dois artigos anteriores da artilharia, vamos agora coligir o que de mais interessante tem publicado a imprensa estrangeira sobre a infantaria nas suas relações com a guerra que avassala a Europa há mais de dois anos e que ficará indubitavelmente entre as mais memoraveis que os anais da humanidade registam.

Antes de encetarmos o assunto diremos que nos parece insustentavel a opinião daquêles que, não conhecendo a questão, ou tendo dela noticia muito perfuntória, pretendem que a infantaria perdeu o primeiro lugar entre as armas combatentes, cedendo-o á sua irmã—a artilharia. E' certo que esta arma,—e nós procurámos, nos artigos anteriores, pôr em relevo o facto,—tem levado a sua acção preparatória a um extremo de energia, que deixa a perder de vista quanto se fizera nas campanhas passadas, mas apesar de tudo é a infantaria quem dá o golpe de misericórdia no inimigo desmoralizado e quem confirma a vitória, assenhoreando-se definitivamente das posições do adversário, com furiosos ataques e contra-ataques. Por muito grande que seja o poder da artilharia, a sua acção é apenas preparatória para o ataque da infantaria, salvo se o inimigo, absolutamente enfraquecido, não ousa arrostar as baionetas e cede perante a chuva das granadas, como se viu em mais duma acção desta guerra. Isto que o raciocinio e os factos nos dizem, é confirmado por muitos officiais que têm visto de perto as famosas trincheiras, donde há-de sair talvez a remodelação social e politica da Europa.

Para não citar outros testemunhos autorizados, limitamo-nos a registar as palavras do general French, antigo chefe das tropas britânicas em França, que ainda há pouco pronunciou um discurso, no qual, entre outras coisas, disse estas sugestivas palavras: «a infantaria é ainda a rainha das batalhas».

Entrando agora no assunto, passaremos em revista o armamento das tropas de infantaria das várias nações combatentes e depois ocuparnos-hemos sucessivamente da organização da arma, da influência que a guerra tem trazido ás ideias geralmente correntes acerca da sua instrução, do seu emprêgo em campanha, da sua cooperação com a artilharia e de outras questões relacionadas com esta matéria.

Disse algures um escritor militar estrangeiro que, no ponto a que chegaram os aperfeiçoamentos da espingarda de infantaria, um passo mais conduziria á arma automática.

Assim é, realmente, e acrescenta-se mesmo que as grandes potências tinham os seus modelos prontos antes da guerra e que uma delas, a França, resolvêra armar as suas tropas com a espingarda automática logo que terminasse o rearmamento da artilharia de campanha e a organização dos grupos de metralhadoras, no que calculava empregar ainda dois anos.

Todavia o rearmamento das tropas de infantaria exige somas tão grandes, que se compreende a hesitação, da parte de qualquer dos estados, em levá-lo a cabo, e esta consideração deve por certo ter demorado a introdução da arma automática, procurando-se, em vez de medida tão radical, realizar os possíveis aperfeiçoamentos nas espingardas ainda em uso, ou, antes, nas suas munições.

O progresso, porém, realizar-se-ha indubitavelmente mais ano menos ano, alterando bem profundamente o modo de ser da infantaria. De facto, ao passo que agora é necessário contar com um carro de munições por companhia, com a arma automática o abastecimento exige número maior, o que nos leva a crêr que não poderá deixar de haver um limite na quantidade desses engenhos a distribuir ás tropas de infantaria, aliás a arma a pé perderia grande parte da mobilidade, que é e deve ser uma das suas qualidades características. Estas considerações levaram alguns escritores a conjecturar que no dia em que a espingarda actual der o passo que a separa da automática, a infantaria se dividirá naturalmente em duas espé-

cies, uma dotada de grande mobilidade, armada com as armas dos modelos actuais, outra munida da espingarda automática, e capaz de desenvolver grande potência de fogo, mas lenta, amarrada aos seus numerosos carros de munições, recorrendo-se mais a uma ou outra conforme o fim imediato que se tiver em vista.

Deixemos, porém, o terreno das conjecturas e voltemos ao das realidades.

Nunca, em nenhuma das guerras anteriores, se viu tal variedade de tipos de armas de infantaria, que vão desde a Martiny-Menry, de grande calibre, ainda usada por algumas tropas turcas nos Dardanelos, até á Mannlicher-Carcano, com o reduzido calibre de 6,5.

A resistência, precisão, poder destrutivo ás diversas distancias e tudo o mais que torna própria para o serviço dum exército em campanha, uma arma, fará certamente, depois da guerra, o objecto de muitos e importantes estudos para os quais fornecerão dados de indiscutível valor os numerosos relatórios, que hão-de vir a lume.

Entretanto recordemos sumariamente os dados característicos de cada uma das armas das nações actualmente envolvidas em luta.

Quando a guerra rebentou, a Alemanha era indubitavelmente o estado mais bem provido de espingardas de infantaria, pois tinha alguns milhões da Mauser, modelo 1898-1901, com abundância, ou antes, fartura de munições; um milhão, pelo menos, da arma do mesmo sistema, mas do modelo 1888; grande número de outras do tipo Mannlicher, e dum modelo antigo, de 1884, com que estava armada, parece, a sua numerosa reserva, denominada *landsturm*. Apesar de tudo as armas do modelo mais moderno, isto é, 1898-1901, não chegavam para armar completamente as tropas de primeira linha, como se verifica por fotografias oriundas da Bélgica, onde muitos soldados alemães são representados com a Mauser de 1888, que só olhos inexperientes podem confundir com a do outro modelo.

A espingarda 1898-1901, a que acima aludimos, passa por ser a melhor de todas as usadas pelas tropas dos países beligerantes, se se atender ao conjunto de qualidades que possui como arma de guerra, embora no ponto de vista balístico haja outras superiores. Inutil nos parece descrevê-la, visto a seme-

lhança que existe entre ela e a que adoptamos no nosso exército. O seu calibre é 7^{mm},99; a trajetoria muito tensa; a velocidade inicial na bôca do cano, 870 metros; o peso, sem baioneta, 4^{kg},100; o carregador, que é o mais leve em uso em espingardas de guerra, comporta cinco cartuchos, cuja polvora é de nitrocelulose, com uma bala ponteaguda, envolvida em cobre-niquel, que produz feridas menos perigosas que a do modelo 1888; a velocidade de tiro vai até 45 por minuto.

A arma da infantaria belga, tambem Mauser, assemelha-se mais ao modelo alemão antigo, isto é, de 1888, do que ao moderno. Todavia, as modificações que lhe foram feitas, são de natureza a transformá-la numa boa arma de guerra. O seu calibre é 7^{mm}, o carregador, de cinco cartuchos, muito leve; o pêso, ligeiramente inferior ao do modelo alemão; o projectil é ogival, coberto com uma capa de cobre-niquel; a carga do cartucho é de nitro-glicerina e nitro-celulose.

A Turquia adopta tambem, além doutras, uma arma Mauser, de calibre igual ao da belga. O carregador é de cinco cartuchos. A bala, não ponteaguda, é coberta com uma capa de aço, cobre e niquel; o cartucho é carregado com nitro-celulose.

A Servia usa igualmente uma arma do tipo Mauser, de calibre de 8^{mm}, de bala ponteaguda.

A Austria tem a sua infantaria armada com a espingarda Mannlicher, cuja culatra abre por um movimento rectilíneo do punho, ao contrario das armas do tipo Mauser, em que êle, no movimento de abrir, sofre uma rotação.

As vantagens atribuidas a este sistema, que é tambem o das armas usadas pela Suissa e Canadá, são: maior rapidez de movimentos e menor exposição do braço e da mão quando se faz fogo duma trincheira ou dum parapeito. Os defeitos podem sumariar-se no seguinte: maior fadiga no atirador numa série prolongada de tiros, e complicação de mecanismo.

O seu calibre, velocidade inicial e projectil são, parece, iguais aos da arma Mauser, do exército alemão.

A Bulgaria adopta uma arma do mesmo tipo, denominada Mannlicher-Schonauer.

A Italia modificou tambem o tipo austriaco, creando para a sua infantaria a Mannlicher-Carcano. O estriamento é do tipo antigo, chamado de estria progressiva; o calibre, dos

mais pequenos existentes, 6^m,5; a velocidade inicial, 720 metros; o projectil não é ponteagudo; a carga do cartucho é de balistite.

A arma francesa, devida ao coronel Lebel, não obedece aos principios duma boa arma de guerra. De facto, o armazem tubular, alojado por baixo do cano e destinado a conter oito cartuchos, que ali se introduzem um a um, está longe de ter as qualidades dos carregadores das armas geralmente em uso nos outros exércitos. Ocasões haverá em que, vasio o armazem, seja necessário manter a intensidade do fogo, e é precisamente então que o atirador ha-de deixar de atirar para encher de novo o depósito ou ir disparando projectil a projectil, á medida que vai efectuando o carregamento. O tempo necessário para encher o armazem tubular é mais que suficiente para preparar uma Mauser com o seu carregador e disparar os cinco projecteis que êle contém. A baioneta, bastante comprida e quadrangular, dá ao soldado, quando cruza a arma para esperar o inimigo ou carregar sôbre êle, um comprimento, desde o cotovelo á ponta da baioneta, de 1^m,9, superior ao da espingarda de qualquer outra nação. O seu pêso é 4^{kg},200; o calibre, 8^{mm}; a velocidade inicial, 720 metros; a carga do cartucho, de nitro-celulose; a bala, em forma de charuto, é, ao contrário das de todas as outras nações beligerantes, feita duma liga massiça de cobre e zinco e desprovida de qualquer cinta ou envólucro.

Parece que em parte das armas deste sistêma o armazem tubular foi substituído por um carregador para três cartuchos, resultando daí modificações importantes.

A Rússia e o Montenegro usam a espingarda chamada de «Três linhas» ou Mossin-Nazant, que possui, além doutras, a particularidade de ter a baioneta sempre armada, com o que se pretende manter bem vivo no soldado o sentimento da carga e da ofensiva. O seu calibre é 7^{mm},62; o carregamento, feito por um carregador com cinco cartuchos; a velocidade inicial, 840^m; a pólvora, nitro-celulose; a bala, ponteaguda, de cobre.

A Grã-Bretanha armou as suas tropas com a arma Lee-Enfield, cujo armazem contém dez projecteis, nele introduzidos por meio de carregadores. A arma é pois susceptível de grande rapidez de tiro, e muito própria para qualquer opera-

ção em que se exija durante pouco tempo um fogo muito violento.

O seu calibre é 7^{mm},7; a velocidade inicial, 730 metros, que se não pode exceder por fraqueza do mecanismo da culatra; o cartucho, carregado com cordite; a bala, ponteaguda, é coberta com um envólucro de cobre-niquel.

A arma Ross, das tropas canadianas, embora bastante diferente, na sua estrutura, da Lee-Enfield, usa as mesmas munições que ela.

A propósito da configuração e matéria do projectil, ocorre falar da bala chamada *dum-dum*, que, ao contrário do que muitos supõem, nada tem de explosiva.

As balas de chumbo, ao percutirem o alvo, deformam-se naturalmente, produzindo feridas graves, e daí veio a ideia de cobrir com cintas dum metal resistente, — aço, cobre-niquel, etc. — os projecteis das armas portateis, como fazem actualmente todas as nações, com excepção da França, cujo projectil da arma de infantaria é homogéneo, feita dum metal, cobre-niquel, que pela sua resistencia á deformação dispensa qualquer envólucro.

Foram os ingleses que, reconhecendo que a bala cintada, de pequeno calibre, não prostrava os montanhesees afgans, na dura guerra que com êles tiveram, resolveram suprimir parte da cinta do lado anterior da bala, por onde se expandia o chumbo, que, posto a descoberto e deformando-se, causava feridas maiores e punha fora de combate o inimigo. As munições eram preparadas no arsenal de Dum-dum, na India, e daí lhes veio o nome pelo qual são conhecidas e que se generalizou a todas as balas que produzem grandes ferimentos. Ora, compreende-se bem que aquilo que os ingleses fizeram por conveniências de guerra e certamente sem lhe preverem bem as consequências, qualquer soldado mal intencionado o possa fazer com fins perversos, e até pode acontecer que as cintas, por defeito de fabrico, se destaquem, e os projecteis se transformem nessas perigosas balas *dum-dum*, que as convenções internacionais condenam e proibem. Esta nossa conjectura parece-nos tanto mais plausível, quanto é certo que todas as nações beligerantes, sem excepção, se têm mutuamente acusado dessa infracção de pactos que deviam ser sagrados,

e nem mesmo a França, cuja bala de infantaria é, como vimos, dum metal que se não deforma, escapou á acusaçãõ.

De resto, a extensãõ e gravidade do ferimento só por si não bastam para provar o emprego das balas proibidas, porque tambem os projecteis indeformaveis podem em certas circumstancias causar grandes feridas. E' necessario mais; é indispensavel, como diz um articulista americano que tratou muito bem d'este assunto, é indispensavel, repetimos, apreendê-las, e só assim se terá a prova irrecusavel do seu emprêgo. Portanto, em nosso entender, devemos considerar como clamores apaixonados todas as recriminações que nesse sentido têm vindo à imprensa, e só depois de terminada a guerra e serenada a exaltação destas horas trágicas que vamos atravessando, se poderá fazer luz em matéria de tanto interesse para os sentimentos humanitarios do mundo civilizado.

Voltando, porém, ao assunto de que nos iamos ocupando, — as armas portateis de infantaria e os seus projecteis, — devemos acrescentar que por agora os aperfeiçoamentos com que se pretendem dotar as espingardas incidem principalmente sobre o envólucro dos cartuchos, quaiquer que sejam a sua forma e matéria prima, pois se reconhece que elles só por si representam 30 a 40 0/0 do peso util das munições. Em vão se tem experimentado, para esse efeito, o aluminio e várias substâncias combustiveis.

A baioneta, com os seus 2000 anos de existência caira um pouco em desuso com o emprêgo das armas de tiro rápido e da polvora sem fumo, até que a guerra russo-japonesa lhe restaurou es créditos. Os franceses, porém, bem como os russos e os ingleses, sempre tiveram por ela certa predilecção. Os alemães, ao contrário, nos últimos anos atribuiram-lhe um valor muito secundário como arma de combate, mas o seu emprêgo na guerra actual deve tê-los convencido até à evidencia, de que os dias da baioneta não passaram ainda.

E a propósito, ocorre-nos dizer que a frequência dos combates corpo a corpo no ataque ás trincheiras, sugeriu a idea duma arma que pudesse ser usada em muitas occasiões criticas, em que nem a espingarda nem a baioneta tem emprêgo. A principio pensou-se num punhal comprido, semelhante ao que usam os camponeses da Escocia, o que, diz-se, não agra-

dou ao governo britânico. Todavia os dirigentes militares de França e de Inglaterra parecem ter tomado a resolução de distribuir aos seus soldados grandes navalhas com um bordo afiado e ponta bem aguçada, como aquelas com que os espanhóis de Palafox trespassavam os franceses nos tempos da guerra da Península.

Porém, nas descrições dos renhidos combates travados nas trincheiras, que temos lido, não encontramos ainda menção de tal arma.

Decerto com o mesmo fim de lutar com vantagem corpo a corpo, segundo refere um jornal militar de Nova-York, as tropas inglesas na Flandres usam uma espécie da antiga massa de armas, formada por um pau resistente, armado de pregos, e duma cabeça coberta de chumbo, para lhe dar maior peso.

Eis o que sobre o armamento da infantaria se pôde dizer neste curto artigo. Era talvez ocasião de falar nos dois meios com que se tem, especialmente nesta guerra, aumentado a potência ofensiva da arma rainha das batalhas, isto é, as granadas de mão e as metralhadoras, cujo emprêgo tende a criar especializações na infantaria, até ha pouco una. O assunto é, porém, tão vasto, que o deixamos para outro artigo, passando a ocupar-nos do combate.

A guerra actual, à parte os acontecimentos da sua primeira fase, que se pode considerar terminada depois da retirada do Marne, transformou-se numa luta de trincheiras, que hoje se pratica em todos os teatros de operações, mesmo naquêles onde se registam consideraveis avanços das tropas.

As fases preliminares e clássicas de ataque da infantaria não existem nesta espécie de guerra, podendo dizer-se que todas se resumem numa só — o assalto.

O combate passa-se do seguinte modo. Resolvido pelo comando o ponto onde êle se ha-de realizar, a artilharia enceta sobre o objectivo escolhido o bombardeamento preparatório, que nesta guerra tem atingido proporções gigantescas, quer na duração, quer na intensidade, como nunca se viu nos tempos passados. Se o vento for favoravel, pode recorrer-se tambem ao emprego de gazes asfixiantes, como se tem visto, principalmente da parte dos impérios centrais. Depois do bombardeamento ter destruido as vedações de arame e revolvido as

trincheiras de modo a desfazer todos os obstáculos, de qualquer natureza que sejam, a infantaria que entretanto se foi concentrando, avança e ataca á baioneta a infantaria inimiga, se ela por ventura conseguiu manter-se, sem se demoralisar, durante o furioso troar da artilharia, e, expulsando-a, apodera-se da posição. Entretanto a artilharia adversa, cujo tiro está de antemão regulado sôbre as trincheiras de cuja perda logo foi prevenida, tenta torná-las insustentaveis, e a sua infantaria já avisada pelos observadores aéreos e por muitos sintomas que não escapam a quem tem a pratica da guerra, procura expulsar o adversário por um impetuoso contra-ataque. Esta é quasi sempre a fase mais árdua da luta, custando só por si 70 0/0 das perdas.

Se a artilharia do atacante é habil e conhece os pormenores tacticos do ataque, procura inutilizar esse contra-ataque com um tiro vigoroso sobre as trincheiras donde se presume que êle saia, isto é, executa um fogo que os franceses denominam de *barrage*, e que nós podemos denominar de *detenção*. Entretanto a infantaria procura estabelecer-se nas trincheiras que tomou, a principio aproveitando quaisquer covas ou abrigos que o terreno lhe deparar, depois cavando novos fossos. E' o que se chama a consolidação.

Tal é a fisionomia dos combates que esta guerra mais nos oferece, e para os quais se devem preparar as tropas.

Em surpresas é inutil pensar, não só porque a vigilância é incansavel, a ponto de correrem risco de morte as cabeças que, curiosas, se aventuram acima dos fossos, senão tambem porque as impedem os fios de arame e as metralhadoras sempre assestadas.

O brigadeiro-general Stone, do exército inglês, numa conferência feita ha pouco em Londres, perante os officiais do corpo de artilharia, descreveu o ataque da infantaria aproximadamente nos termos em que nós o fizemos. Disse êle o seguinte: «A preparação para o ataque por uma ou mais divisões é laboriosa. As fases preliminares do ataque da infantaria não existem na guerra de trincheiras. A artilharia abre o caminho à infantaria pela destruição das defesas acessórias, primeira linha de trincheiras e abrigos à rectaguarda, bem como da segunda linha de trincheiras e respectivas comunicações. Logo que o bombardeamento preliminar conseguiu o seu objectivo, executa-se

um bombardeamento final com fogo rápido, e a um sinal dado ou a uma hora prefixa, a infantaria é lançada ao ataque. Nêsse momento as peças aumentam o alcance do tiro para crear uma cortina de fogo a 350 metros à frente. Uma vez tomadas as primeiras trincheiras, a aludida cortina desloca-se 350 metros mais para diante, para proteger o ataque da 2.^a linha, e nesta ocasião as peças são trazidas um pouco mais para a frente para demolir quaisquer defesas accessorias que não tivessem sido vistas e que atiram sobre os assaltantes quasi á queima roupa.

Isto, porém, não quer dizer que não tenha havido combates que mais ou menos se aproximem do tipo clássico dos preceituados nos regulamentos, e muito menos ainda que os não venha a haver quando a guerra entrar numa fase mais de manobra que de sitio, se alguma vez lá chegar, o que muitos criticos militares dão como certo.

Foi decerto nesta ordem de ideias que o chefe do estado maior italiano elaborou uma circular, explicando claramente os pontos essenciaes do combate moderno e o processo tactico a seguir nos ataques de frente em ordem extensa.

Ha três fases num ataque de frente, dizem as citadas instruções, a saber: o desenvolvimento, o avanço e o assalto final. O estudo da posição inimiga, a distribuição das forças, a escolha do local da linha de batalha hão-de merecer toda a atenção. Não se deve gastar com o reconhecimento mais tempo do que é absolutamente indispensavel. As formações da infantaria dependem do terreno e do fogo do inimigo. A artilharia de ataque só deve mudar a sua posição quando fôr necessário apoiar a sua propria infantaria; a de defesa em geral revela a sua posição fazendo fogo sobre a infantaria atacante no seu progresso.

A desmoralização do inimigo consegue-se pela superioridade do fogo. As reservas conservam-se em posições á recta-guarda e não devem avançar demasiado cedo. Um batalhão com duas companhias em reserva cobre uma frente de 400 metros. O assalto deve ser vigoroso e feito por delgadas e successivas linhas, O uso das armas modernas deu á offensiva a vantagem de mais longo aproveitamento dos abrigos e mais eficaz convergencia de fogo.

A configuração do terreno é muito importante. Em chão

descoberto a infantaria avança até ser detida pela infantaria da defesa, o qual é então o alvo da artilharia do ataque. Uma vez dominado o adversario, a infantaria avança de novo até ser outra vez detida, e assim sucessivamente. O terreno com acidentes é preferivel para o ataque, porque permite os rápidos desenvolvimentos, as concentrações de tropas e as surpresas.

São estes, entre outros, os principios que o chefe do estado mais general italiano entendeu lembrar ao exército; podemos completa-los com outros que, embora lhes falte o caracter official, não teem menos valor, porque são devidos a officiais que os aprenderam por experiencia propria nos campos de batalha.

Diz um deles num interessante artigo: O objecto do fogo é facilitar as nossas manobras, desorganizar o inimigo, quer moral quer fisicamente, destruindo-lhe a resistêcia. O fogo de surpresa, e especialmente num flanco, baixa o moral do adversário e produz a confusão nas suas fileiras. Se fôr bem executado, o inimigo não poderá resistir-lhe.

A concentração, seguida da abertura rapida do fogo, produz grande efeito; a ella pois se deve recorrer quando as suas vantagens forem evidentes. A concentração deve fazer-se numa linha que não exceda metade da frente de fogo. O apoio mútuo, pelo fogo, dos nucleos visinhos é tão importante como o reciproco auxilio táctico. Se a origem do fogo que se opõe ao avanço de um dos nossos grupos, puder ser localizado, todos os nucleos proximos devem tomá-lo com alvo. A cooperação assim entendida e executada teria salvo muitas batalhas perdidas.

A rapidez do fogo depende da distancia, do tamanho e do perigo do alvo. A grande distancia, contra artilharia ou cavalaria que vai atravessando uma passagem estreita, o fogo deve ter grande rapidez. A' carga de infantaria ou cavalaria deve opor-se a maxima rapidez de fogo, — 10 tiros por minuto. Contra grupos separados, a distancias curtas ou médias, a intensidade do fogo deve ser de 5 ou 6 tiros por minuto, visto que se torna necessaria a presição. Tudo isto, porém, exige uma grande preparação do soldado, porque está provado que áquem de 1.200 metros a influencia dos officiais sobre a regularidade do fogo desaparece.

O fogo por descargas produz grande efeito moral. Tranquilisa os homens, localisa o alvo e é especialmente valioso de noite, contra a cavalaria, e no início da perseguição.

O avanço, por parte do inimigo, em pequenos grupos deve ser sustado pelo fogo de atiradores escolhidos.

O fogo não deve ser aberto antes de se localizar o alvo e de se lhe determinar a distância. O tiro sobre um inimigo invisível, oculto num campo, num pomar, etc., de profundidade não superior a 200 ou 300 passos, poderá dar resultados satisfatórios, visto que a dispersão normal das balas é precisamente de 200 ou 300 passos.

Os alvos pequenos e os movimentos rápidos são o segrêdo do avanço ás pequenas distâncias, porque o fogo não pode ser concentrado sobre objectivos de curtas dimensões, nem as surpresas são possíveis.

O éxito sem a supremacia do fogo é impossível; só ela prepara o caminho do avanço e faz que o inimigo se arreceie de afrontar o choque da baioneta. A supremacia não póde, em regra, ser obtida ás grandes distâncias; forçoso é pois avançar, para a conseguir, em pequenos grupos. Emquanto o fogo do adversário fôr fraco, poder-se-ha avançar em massa compacta; desenvolver-se-ha quando fôr preciso abrir fogo.

Emquanto a superioridade não se obtiver, é necessario tomar precauções para proteger os homens contra a exposição ao fogo, e aqui a artilharia e as metralhadoras teem uma missão muito importante.

O fogo que se reconhecer como ineficaz, não se deve continuar.

A disciplina do fogo deve ser rigida, atenta a sua importancia, sobretudo de noite. A' sua falta deveram os bulgaros a perda de muitas batalhas na ultima guerra balkânica.

Se ambos os lados estiverem dominados por um sentimento de hesitação, a intervenção da baioneta determinará a victória. Não são as perdas causadas por essa arma branca que provocam o exito, mas, sim, o abatimento moral que as tropas experimentam ao ver o adversário nas suas trincheiras.

Estes e muitos outros preceitos do combate da infantaria encontramos no artigo a que acima aludimos, mas pomos-lhe

ponto aqui, porque nos queremos referir a um outro assunto, cuja importância, ha muito reconhecida, tem avultado ainda mais na guerra actual, -- a cooperação da artilharia.

Da descrição que atraz fizemos do combate, depreende-se que, sem uma ligação intima entre as duas armas, não é possível obter o menor éxito.

O brigadeiro general G. Stone, a que já nos referimos, pronunciou a este respeito algumas palavras que são muito para meditar «Tem havido uma diferença notavel, diz êle, entre a preparação das diversas divisões inglesas nesta matéria de cooperação. Nas seis divisões do corpo expedicionário a França foi ela tão satisfatória quanto o podia permitir a preparação da paz, e as deficiências que se revelaram, foram remedadas no decorrer da campanha. Noutras divisões de tropas regulares que não tinham tido preparação como divisões constituídas, a cooperação foi deficiente, não porque os officiaes comandantes não conhecessem a teoria, mas porque não sabiam escolher a oportunidade de a praticar.

Os melhores resultados foram talvez obtidos em algumas das divisões do *Exercito Novo* (isto é, o exército organizado por lord Kitchner), especialmente naquelas cujo comando logo no primeiro periodo da preparação foi confiado a majores-generaes chamados expressamente da França, da frente da batalha, e que depois as comandaram no campo; e melhor ainda naquelas em que os chefes de brigada e de batalhões receberam e mantiveram os seus comandos pelo menos três meses antes de deixarem a Inglaterra».

A esta eloquente critica acrescenta o illustre general importantes preceitos, que muito importa conhecer. Eis alguns dêles.

Na preparação das novas divisões o espirito de cooperação deve formar-se gradualmente, primeiro por exercicios dos estados maiores, em seguida por manobras de brigadas e de divisão, em que as unidades se agrupam como provavelmente hão-de ser empregadas no campo. Durante a preparação das brigadas, o comandante geral da artilharia divisionária fiscalizará o trabalho da artilharia e auxiliará com os seus conselhos tanto o comandante da infantaria como o daquella arma.

Deve-se insistir sobre os seguintes principios: 1.º, que o

comandante da infantaria tem de informar, tão cêdo quanto possível, o comandante da artilharia de apoio sobre o que se propõe fazer e como o pretende levar a cabo; 2.º, que o comandante da artilharia deve entender-se com o da infantaria, enviando para a frente um oficial com um fio telefónico, a fim de conservar o contacto com a linha de fogo. As linhas telefónicas da artilharia e da infantaria serão ordinariamente usadas por estas duas armas, mas nenhuma delas deve hesitar em usar as da outra, se lhes forem necessárias.

A cooperação exige, — e convém acentuá-lo logo desde o começo da preparação, — um igual espirito de iniciativa tanto da artilharia como da infantaria, e uma das primeiras lições que os oficiais desta ultima arma têm de aprender é como descrever rigorosa e inteligentemente um alvo que êles desejam que a artilharia bata.

Visto que o tempo de que se dispõe para a preparação é curto, pode ser necessário tratar simultaneamente da preparação das brigadas e da divisão.

Na 18.^a divisão (inglesa) cada brigada tinha um dia por semana um exercicio com a sua artilharia, sob a direcção do respectivo brigadeiro, e o major-general (comandante da divisão) tinha outro com toda a divisão, o qual para o fim do periodo da preparação durava em geral dois dias.

Nos exercicios da divisão o comandante da artilharia divisionária estabelece o seu quartel general com o general da divisão, e se lhe fôr necessário ausentar-se, deixará em seu lugar um oficial do seu estado-maior. Esta aproximação dos dois comandantes tem por fim fazer que o da artilharia se ache sempre habilitado a executar as intenções do da divisão.

O brigadeiro Stone descreve assim a cooperação das duas armas na frente ocidental, na linha ocupada pelas tropas britânicas em França.

A uma divisão distribue-se uma certa secção em frente da linha alemã. A aludida divisão ocupa trincheiras de infantaria convenientemente dispostas para repelir um ataque que se dirija contra a secção que lhe pertence. A cada secção de trincheira, em harmonia com a repartição da infantaria, que a garante, destina-se um grupo de artilharia, respeitando tanto quanto possível as afinidades do periodo da preparação. O

grupo de obuzes é em geral dividido, e as suas baterias repartidas pelos grupos de peças.

Cada batalhão de infantaria nas trincheiras está em ligação telefónica com a bateria do grupo destinada á brigada a que pertence. Assim, um comandante de companhia nas trincheiras pode, em qualquer ocasião, comunicar com a bateria da sua brigada. Um oficial por bateria está nas trincheiras para observar o fogo e para ter a sua bateria sempre inteirada do que se passa na frente. Cada comandante de bateria está em comunicação telefónica com o seu comandante de grupo, e cada comandante de batalhão com o chefe da sua brigada. O posto de combate do comandante do grupo é junto do comandante da brigada.

Dos comandos de grupo e da brigada dirigem-se respectivamente linhas telefónicas para o chefe da divisão e para o da artilharia divisionária, cujos quartéis generais são vizinhos e cujos postos de combate são um e o mesmo.

A íntima ligação da brigada de infantaria e do grupo de artilharia, para serviço das trincheiras, não significa que o comandante deste esteja subordinado ao daquela, mas permite á artilharia corresponder ás necessidades da infantaria sem as delongas causadas pela obrigação de recorrer a uma autoridade central, quando a centralização é desnecessária.

O comandante da artilharia divisionária ha-de ter a possibilidade, em todas as conjunturas, de empregar qualquer bateria, embora para um objectivo que não diga respeito à secção que normalmente a esta seja distribuido.

Os oficiais de artilharia em observação nas trincheiras da frente devem acompanhar a infantaria nos seus movimentos de avanço, aproveitando-se das suas linhas telefónicas, a fim de conservarem os comandantes das suas baterias e dos seus grupos constantemente ao facto dos progressos do ataque."

Por esta longa transcrição se vê que a cooperação entre as duas armas na defesa das trincheiras vai onde nunca chegára antes, pois as ideias correntes sobre esta matéria admitiam que ao comandante da divisão pertencia regular essa cooperação, visto que o chefe das unidades superiores, — exército ou corpo de exército, — nem sempre poderá fazê-lo, atenta a enorme área sobre que se estendem as tropas sob o seu comando.

O que é incontestável é que hoje, mais do que nunca, se reconhece que o êxito só pode vir duma íntima e inteligente ligação das duas armas. Não basta que a artilharia prepare o avanço da infantaria, embora o faça com as proporções gigantescas com que o tem feito nesta guerra; é forçoso que a acompanhe no seu movimento para a frente, sempre informada dos acidentes da luta, porque, oculta por qualquer acidente do terreno, surge muitas vezes, de surpresa, um entrenchearamento que se não viu e que pode sustar o avanço com perdas cruéis.

Tudo quanto dissemos sobre o combate e a cooperação da artilharia serve de norte à instrução das tropas que se preparam para a guerra. A imprensa estrangeira testemunha nos seus artigos a tremenda tarefa que é a instrução de consideráveis efectivos, no escasso tempo que para ela se dispõe. Primeiro é necessário cuidar da preparação individual, com as suas enormes exigências de ordem moral e profissional; depois da sua preparação em conjunto, habituando os chefes à iniciativa necessária nos grandes lances, á compreensão nítida das suas obrigações mútuas e procurando desenvolver nêles essa qualidade que um escritor denomina «instinto militar», sem o qual o conhecimento dos principios pouco ou nada consegue.

A instrução individual, que já tinha exigências grandes, especialmente no que se refere ao uso perfeito da espingarda, quer, e principalmente, como arma de fogo, quer como arma branca, viu-as agora aumentadas com a necessidade indispensável de ensinar os homens a construirem trincheiras, a lançarem bombas, a crearem e a destruirem obstáculos, especialmente os de fios de arame farpado, a inutilizarem material de guerra que é forçoso abandonar, e muitas outras coisas, que todos os que têm acompanhado a luta gigantesca, que há dois anos convulsiona a Europa, sabem fazer parte da preparação do soldado.

Diz um periódico estrangeiro que o campo britânico de instrução, no Havre, estabelecido no verão de 1915, é um modelo em matéria de preparação para a guerra de trincheiras. Os instrutores são oficiais e sargentos experimentados, vindos da frente de batalha, alguns dêles convalescentes de ferimen-

tos ou de doenças. Cada divisão da Flandres destaca, para instrutor, durante dois meses, um oficial escolhido.

O ensino inclui formação para assaltos, trabalho com metralhadoras, ataque á baioneta de trincheiras ocupadas por figuras representando homens e tudo quanto acima enunciámos e cujo conhecimento a guerra exige dos soldados.

Para rematar este artigo, que já vai longo, embora nos tenhamos limitado a tratar ao de leve os seus variados assuntos, diremos algumas palavras sobre as perdas da infantaria.

Tambem neste ponto, como em geral em todos os outros, só depois, e por ventura muito depois, de feita a paz haverá dados precisos para um juizo seguro. Todavia as raras noticias, dignas de crédito, vindas á imprensa, permitem desde já afirmar que as perdas, enormes em absoluto, tambem são grandes, relativamente, na infantaria.

Na batalha de Ypres, em que se combateu durante três dias, estiveram, além doutras forças, 12 batalhões canadianos, com 370 a 375 officiaes. Pois dêste número, 200 foram mortos ou feridos, o que dá uma percentagem de 70 %.

As mesmas tropas canadianas, segundo boletins publicados nos fins do ano passado, tiveram até o dia 16 de outubro, num efectivo de 667 officiaes e 14.510 praças, entre mortos, feridos e prisioneiros, as seguintes baixas:

Officiaes, 635 homens, dos quais 437 feridos e 124 mortos; praças, 14.472 homens, dos quais 9.660 feridos e 2.279 mortos.

Dos feridos, 40 % regressaram, depois de curados, á linha de batalha.

Alguns regimentos alemães, segundo consta de fontes, se não certas, pelo menos de confiança, têm tido perdas enormes. Assim, entre 29 de abril e 19 de maio do ano passado, o regimento do Imperador Alexandre, da Guarda, perdeu 850 homens; o regimento n.º 60, de infantaria, 550; o n.º 74, da Landwehr, cêrca de 600; o n.º 132, perto de 800, etc.

Estas perdas consideraveis, sobretudo se se atender á enorme percentagem de officiaes que apresentam, mostram as dificuldades quasi insuperaveis da reorganização das tropas com algum tempo de campanha e a necessidade de procurar por todas as formas recrutar pessoal para os quadros.

O general Percin, do exército francês, servindo-se de da-

dos seguros, afirma que as baixas devidas ao fogo da artilharia aumentaram consideravelmente.

Na guerra do Japão e da Rússia e na dos Balkans as perdas devidas ao fogo da artilharia andavam por 10 a 20 %_o. Na guerra actual passam de 35 %_o para os franceses e de 45 %_o para os alemães.

Foi para atenuar, até certo ponto, o número das baixas que os franceses adoptaram um capacete metálico, baixo, para as suas tropas em geral. Os resultados foram tão lisonjeiros, que os ingleses o apropriaram também ás suas tropas.

As perdas, porém, dentro de cada arma, parecem manter percentagens aproximadas das de 1870-71, e um pouco mais fortes, para a artilharia, do que as da campanha russo-japonesa.

Assim, num hospital francês, de 4.286 feridos, 91,1 %_o pertenciam á infantaria, 5,4 %_o á artilharia e 3,45 %_o a outras armas. Nas guerras passadas essas percentagens cifravam-se nos seguintes números:

Guerra russo-japonesa :

Russos, 94 %_o de infantaria, 3 %_o de artilharia e 3 %_o de outras armas;

Japoneses, 92,3 %_o de infantaria, 4,1 %_o de artilharia e 4,1 %_o de outras armas.

Guerra de 1870-1871 :

Alemães, 91 %_o de infantaria, 4,8 %_o de artilharia e 4,8 %_o de outras armas.

O general Percin crê que a proporção de infantaria para artilharia na linha de fogo é de cêrca de 5 para 1; o general Rohne, porém, entende que ela é mais rigorosamente de 8 ou 9 para 1.

Setembro de 1916.

TEIXEIRA BOTELHO
Tenente-coronel de artilharia

BATALHA DE VERDUN¹

(Segundo a versão francesa)

De 9 a 22 de Junho

Em seguida á tomada do forte de Vaux, os ataques da infantaria alemã diminuíram por algum tempo de violencia. Continuou entretanto a manter-se activo o duelo das artilharias contrarias.

As acções de maior importancia ocorridas durante este periodo, quer numa quer noutra das margens do Mosa, vão resumidas seguidamente.

Margem esquerda do Mosa

Durante a noite de 8/9 Julho duas tentativas de assalto efectuadas contra as posições francesas da cota 304 foram malogradas; no dia seguinte os alemães voltaram varias vezes á carga, principalmente sobre os flancos [O. e S. da colina. Apesar do emprego dos liquidos inflamados, não conseguiram desalojar os defensores das trincheiras e foram repellidos pelo violento fogo destes.

No dia 10 efectuaram dois novos ataques sobre o mesmo objectivo, ambos tambem sem exito.

Por sua vez os franceses tomaram a ofensiva, conseguindo em 16 de Junho apoderar-se de algumas trincheiras sobre a encosta S. do Mort-Homme, aprisionando 200 homens e entre eles 6 officiais. Debalde tentaram os alemães recuperar o terreno perdido, como em vão atacaram as posições da defesa entre a cota 304 e o bosque de Avocourt.

¹ Continuado de pag. 660.

Margem direita do Mosa

Sobre esta margem houve maior actividade durante este periodo.

O bombardeamento da artilharia alemã continuára incessante sobre toda a frente compreendida entre a granja de Thiaumont e o forte de Vaux, sector este em que os francezes ocupavam em primeira linha a extremidade S. do bosque da Caillette, e os bosques de Chapitre e Fumin. O tiro alongado das baterias alemãs por sobre essa linha batia os fortes de Tavannes e de Souville—principais objectivos a que os alemães visavam depois da tomada do forte de Vaux—ligados por intermedio das baterias do Tunnel e do Hospital.

Sob a protecção desse violento canhoneio, tentaram os alemães, por varias vezes, assenhorear-se das trincheiras adversas.

No dia 8 de Junho foram investidos os dois flancos da posição de Thiaumont e, embora parcialmente detidos pelos tiros de barreira, os atacantes conseguiram penetrar numa das obras da defesa, situada entre Thiaumont e o bosque da Caillette.

Durante a noite de 11/12 os alemães voltaram á carga sobre as posições a O. do forte de Vaux e lograram atingir o planalto de Fleury, em frente das obras anexas ao forte de Souville. Uma divisão inteira lançada, na mesma noite, contra as posições que cobriam a N. a obra de Thiaumont, foi menos feliz; apesar dos repetidos assaltos que efectuaram, os regimentos alemães tiveram de retroceder e com graves perdas.

Na tarde do dia 12 outro assalto foi realizado contra o sector da defesa a O. de Thiaumont, na direcção da aldeia de Bras. Embora parcialmente repellidos, os alemães conseguiram estabelecer-se nalguns elementos das trincheiras que cobriam os flancos de uma ravina, entre as cotas 321 e 316, na orla do bosque de Nawé.

Depois de alguns dias de relativa tranquilidade, os alemães, continuando a bombardear as posições adversas situadas entre a cota 321, cerca de 1.200 metros a O. de Thiaumont, e os arredores do forte de Vaux, lançaram por varias vezes colu-

nas de assalto sobre essa linha, atraz da qual o forte e as baterias de Souville foram constantemente cobertas de granadas. O principal objectivo destes ataques foi a zona compreendida entre a referida cota 321 e a capela de S. José (cota 320), onde começa a abrir-se a ravina de Vaux.

No dia 15, pelas 6 da tarde, forças de consideravel efectivo, arremessaram-se sobre essa zona. A lucta foi viva e prolongada; varias vezes repelidos, os alemães voltaram novamente á carga durante parte da noite até que, dizimados pelo fogo da defesa e extenuados, tiveram que retroceder.

No dia seguinte limitaram-se a canhonear as proximidades do forte de Vaux. Tomaram então os franceses por sua vez a ofensiva e conseguiram apoderar-se de alguns elementos das trincheiras adversas.

Em 17, depois de activo bombardeamento dirigido sobre o sector de Fleury-sous-Douaumont, os alemães atacaram as posições proximas da obra de Thiaumont. Os franceses repeliram-nos, causando-lhes importantes perdas, e o mesmo fizeram em relação aos ataques sobre as trincheiras das cotas 320 e 321. Estas ultimas foram novamente ameaçadas na noite de 19/20 por três ataques sucessivos. A artilharia e as metralhadoras contiveram porém os assaltos e outro tanto succedeu no dia 21 a O. e S. do forte de Vaux.

De 23 de Junho a 5 de Julho

Violenta ofensiva alemã na margem direita do Mosa — Perda da obra de Thiaumont

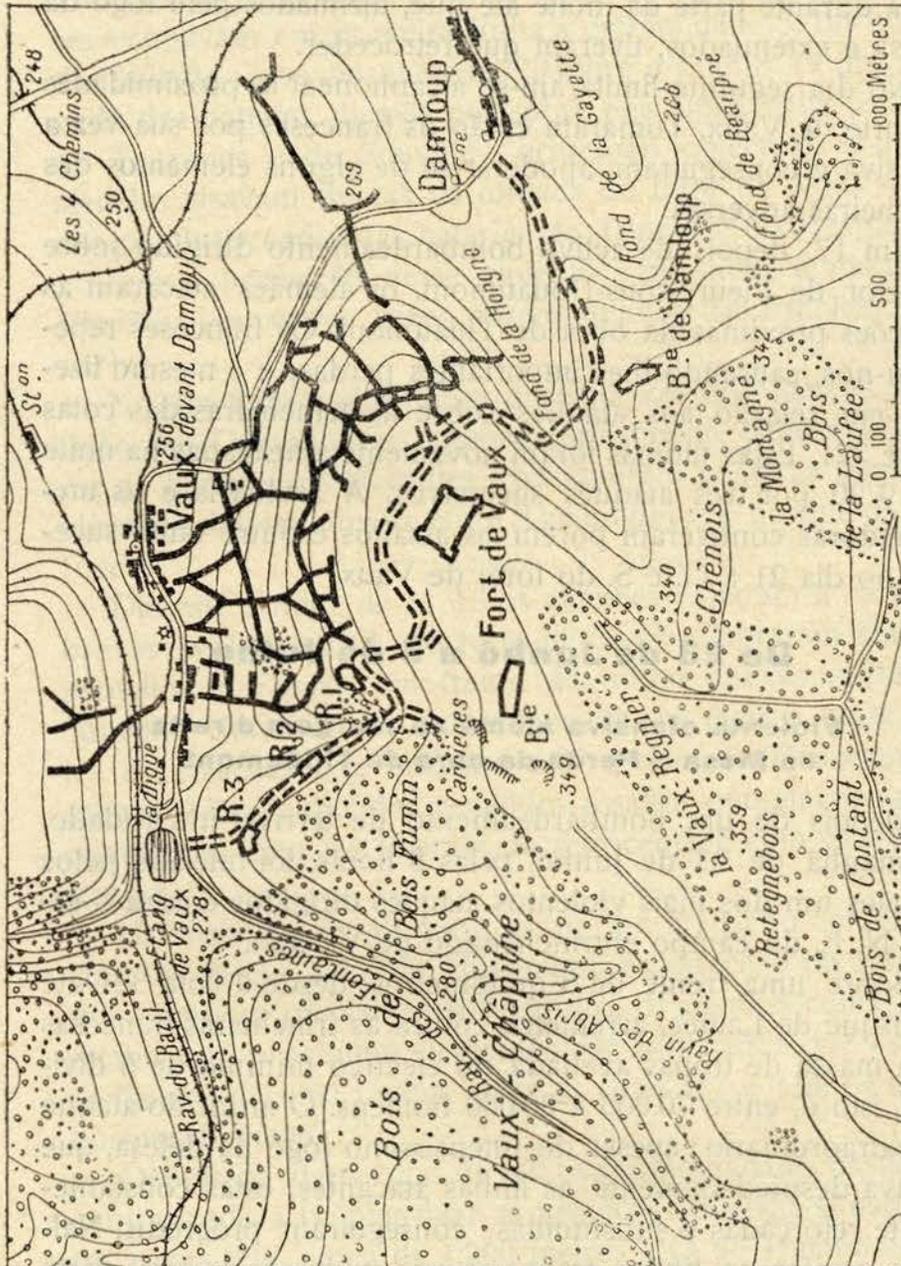
Depois de um bombardeamento de terrivel intensidade, na manhã de 23 de Junho, pelas 8 horas, foi iniciado pelos alemães um dos mais violentos ataques dirigidos contra o sector N. E. do campo entrincheirado de Verdun.

Sobre uma frente de 5 quilometros, desde a cota 321 até o bosque de Laufée, arremeteu contra as trincheiras francesas uma massa de tropas avaliada no efectivo minimo de 6 divisões, isto é, entre 70.000 a 80.000 homens. O ardor do ataque foi extraordinario; apesar do intensissimo fogo da defesa, que ceifava despiudadamente as linhas atacantes, estas constantemente reforçadas e substituidas, conseguiram progredir. Nalguns pontos as linhas francesas não puderam resistir: parte

das trincheiras junto de Thiaumont e a propria obra deste nome foram tomadas pelos alemães.

Uma forte coluna chegou a atingir as proximidades da povoação de Fleury, mas foi repelida. Mais para O., nos bosques de Chapître, Fumin e Chênois e sobre a crista de Montagnette, também os franceses conseguiram conter os assaltos.

Durante a noite a luta continuou; os franceses contra-ata-



Ultima fase da resistencia do forte de Vaux

Os traços a pr-to representam as trincheiras alemãs em frente do forte, no fim de Maio; a dupla linha interrompida representa a frente da defesa na mesma época

caram, recuperaram parte do terreno perdido entre as cotas 320 e 321, e repeliram o inimigo sobre a posição de Thiaumont.

A acção proseguiu durante todo o dia 24 e entretanto recommençava o bombardeamento sobre a crista de Froide-Terre estendendo-se até o Mosa. No centro, a aldeia de Fleury-sous-Douaumont, que precede o planalto e as obras de Souville, foi submetida a repetidos assaltos, alcançando os alemães apoderarem-se de quasi toda a povoação.

Alguns contra-ataques felizes restituíram aos franceses a posse de varios elementos de trincheira a O. do forte de Douaumont. Fleury foi em parte por êles reconquistada numa luta a granadas de mão.

O bombardeamento tornou-se extremamente intenso na tarde do dia 25, renunciando novo ataque, o qual se efectuou a O. de Thiaumont, sendo porém contido pelo fogo da defesa.

Em 27, pelas 2 horas da tarde, diligenciaram os alemães expulsar os franceses da parte de Fleury por estes occupada, mas foi-lhes gorada a tentativa. Outros ataques por eles realizados durante a noite junto da cota 321, entre Fleury e o bosque de Chapitre e nas proximidades da obra de Thiaumont, não obtiveram melhor exito.

O bombardeamento continuou, mas tomando agora por principal objectivo as encostas das Alturas do Mosa, acima de Eix, na direcção do forte de Tavannes.

Na noite de 28/29 novamente os alemães atacaram as linhas francesas a N. O. de Thiaumont, proximo da cota 321. A despeito do numero e do impeto com que arremeteram, os atacantes foram repelidos. No dia immediato a artilharia alemã canhoneou toda a linha francesa, sobretudo entre Fleury e o bosque de Chênois, a S. do forte de Vaux, canhoneio que se prolongou sem interrupção até á manhã de 30.

Parecia que ia ser tentado um grande ataque contra Fleury. Para o impedirem, os franceses tomaram a ofensiva contra as ruinas da obra de Thiaumont, donde conseguiram desalojar os alemães, depois de renhida luta. Estes responderam com violentos retornos-ofensivos, que lhes custaram perdas sensiveis, mas ás 3 da tarde lograram reapoderar-se dos restos de alvenaria e montes de terra que representavam o que tinha sido a obra de Thiaumont.

Afirmam os franceses que para tal resultado foi necessario o emprego de 4 divisões, as quais se fizeram dizimar.

O triunfo dos alemães não foi porém de longa duração.

De novo os franceses se arremessaram com verdadeira furia ao assalto e, pelas 4 $\frac{1}{2}$ da tarde, mais uma vez estava em seu poder a arruinada obra de Thiaumont.

No dia seguinte — 30 — executaram os alemães novo ataque, mas foram repellidos e desde então recommçaram o bombardeamento de todo este sector, alongando-o até á bateria de Damloup, a qual está situada a menos de 1 quilometro a S. do forte de Vaux sobre a crista das Alturas do Mosa, acima da aldeia do mesmo nome.

Pelas 3 horas da madrugada de 3 de Julho foi essa bateria atacada de surpresa e por forças tão numerosas que lhes caiu nas mãos. Refeitos da surpresa, os franceses empreenderam logo um energico retorno ofensivo e lograram recuperar a posse da bateria.

Os alemães não renunciavam á conquista de Thiaumont e no dia 4, pelo meio dia, iniciaram um intenso bombardeamento com a artilharia pesada. A partir das 2 da tarde, os assaltos da infantaria sucederam-se com frequencia, mas sem resultado, até que por fim, recorrendo ao emprego de grossos efectivos, os alemães lograram desalojar os defensores e estabelecer-se definitivamente em Thiaumont. Afirmam os franceses que esses efectivos atingiam não menos de 4 divisões — mais de 40.000 homens — e que, embora tendo perdido aquella obra, conseguiram manter-se na sua immediata proximidade.

Sobre a margem esquerda do Mosa, os combates travados durante este periodo, foram pouco violentos, embora o canhoneio se mantivesse incessante, visando especialmente a cota 304, o bosque de Avocourt, as vertentes S. do Mort-Homme e a região de Chattancourt, a S. de Cumières. Sobre esta zona tentaram os alemães varios ataques, mas todos lhes resultaram infructiferos.

De 6 a 26 de Julho

Margem direita do Mosa – Perda da bateria de Damloup

Entre 6 e 12 de Julho, os alemães bombardearam quasi sem interrupção as trincheiras proximas de Thiaumont, o forte de Souville, a bateria de Damloup e o bosque de Laufée.

Dizem os franceses que a cathedral de Verdun correu risco de total destruição numa noite em que a cidade foi tambem atingida por projecteis de grosso calibre, o que de resto já anteriormente sucedêra.

Aparte algumas acções sem maior importancia contra pequenas patrulhas, no começo deste periodo só se realizaram tres ataques, nos dias 7, 11 e 12.

No primeiro, tomaram os alemães por objectivo as trincheiras junto de Thiaumont; parte dos elementos franceses mais avançados foram conquistados na primeira arremetida, mas logo a seguir perdidos em virtude de um energico retornado-ofensivo.

Em 11, desenvolveu-se um forte ataque que alcançou o bosque Chênois, a S. de Vaux. Repellido no flanco esquerdo francês, do lado de Froide-Terre, o atacante logrou atingir e ocupar por algum tempo varios elementos de trincheira nos bosques Fumin e Chênois, que afinal teve de evacuar em resultado de um violento contra-ataque dos franceses. Renovando, porém, o assalto com dobrado ardor, os alemães conseguiram por fim assenhorear-se da bateria de Damloup e ocupar algumas trincheiras no bosque Fumin.

Proseguindo na ofensiva, alcançaram no dia 12 ainda novos exitos. Seis regimentos partindo de Fleury e do bosque de Vaux-Chapitre conseguiram, embora á custa de enormes perdas, progredir na direcção do forte de Souville, chegando a atingir a intersecção dos caminhos de Fleury e de Vaux, a 800 metros apenas de distancia desse forte.

O bombardeamento continuou depois quasi incessantemente desde Souville até o bosque de Laufée, isto é, junto das Alturas do Mosa.

No dia 15 a infantaria alemã tentou apoderar-se das linhas adversas junto de Bras e de Vacherauville, entre a Altura do

Poivre e o Mosa. O fogo eficaz da artilharia francesa, impediu, porém, o desenvolvimento do ataque.

Por sua vez os franceses tomaram a ofensiva e durante dois dias atacaram a zona a O. de Fleury, entre esta aldeia e a altura de Froide-Terre, conseguindo fazer cerca de 200 prisioneiros. Na noite de 17/18, ainda no mesmo terreno e nas proximidades da capela de Sainte-Fine, se travou um pequeno combate por meio de granadas de mão, cujo resultado foi favorável aos franceses.

Tendo-se acentuado o bombardeamento sobre este sector, esperavam os defensores um grande ataque geral, mas afinal os alemães apenas realizaram, no dia 21, um assalto sobre a aldeia de Damloup, o qual foi repellido.

Os franceses assumiram então a ofensiva, atacando frequentes vezes com exito entre Fleury e Thiaumont, conseguindo reconquistar algum terreno.

Na noite de 19/20 avançaram a O. da obra de Thiaumont, na direcção de Bras, e, apesar da desesperada resistencia dos alemães, conseguiram apoderar-se de um entrincheiramento por eles construido a S. de Fleury, fazendo ao mesmo tempo 300 prisioneiros e entre eles 8 officiais.

No dia 22, não obstante a intensidade do bombardeamento inimigo, os franceses conseguiram-se ainda tomar algumas trincheiras e fazer cerca de 70 prisioneiros.

O comunicado official francês do dia 24 de Julho avalia em 800 o numero de soldados alemães capturados durante 10 dias, nos combates parciais que tiveram por mais frequente teatro as proximidades da capela de Sainte-Fine, entre as obras de Souville e Fleury.

Em 24 ainda os franceses tomaram um reducto a O. da obra de Thiaumont, fazendo 40 prisioneiros e apoderando-se de 5 metralhadoras.

Margem esquerda do Mosa

Sobre a margem esquerda do rio, a actividade dos alemães foi muito menor durante todo este periodo.

Até 12 de Julho, nenhum ataque de importancia se realizou. Entre 13 e 26 apenas foram efectuados dois pequenos ataques contra o reducto do bosque de Avocourt e contra a co-

lina de cota 304, sendo os alemães repelidos. Nas proximidades desta cota, conquistaram os franceses alguns elementos de trincheira. Entretanto o bombardeamento foi sempre mantido sobre toda a frente deste sector, desde Chattancourt até Avocourt.

De 27 de Julho a 2 de Agosto

Com a semana iniciada em 27 de Julho, termina o 2.º ano desta grande guerra.

Ao começar o 3.º ano todos os chefes de estado e todos os generalísimos dirigiram entusiásticas e animadoras proclamações aos respectivos exercitos.

Em França, além da eloquente proclamação do Presidente Poincaré, o general Joffre dirigiu aos exercitos franceses sob o seu comando a seguinte notavel *Ordem do dia*, a qual contém um periodo expressamente consagrado á defesa de Verdun. É do teor seguinte essa *Ordem* :

«Soldados da Republica!

*«Ha dois anos que, sem fraquejar um só momento, susten-
«tais o peso de uma luta implacavel. Fizestes abortar todos os
«planos dos nossos inimigos: vencêste-los nas margens do Marne,
«detivêste-los sobre o Yser, batêste-los no Artois e na Champa-
«gne, emquanto eles debalde procurayam a vitoria nas planicies
«da Russia.*

*«Depois, a vossa resistencia vitoriosa, numa batalha de cinco
«meses, quebrou o impulso alemão em frente de Verdun. Graças
«ao vosso valor e tenacidade, os exercitos dos nossos aliados
«puderam forjar as armas cujo peso os nossos inimigos sentem
«hoje em todas as frentes de batalha. Aproxima-se o momento
«em que, sob o nosso comum impulso, o poderío militar alemão
«se desmoronará!*

*«Soldados da França, podeis orgulhar-vos da missão que já
«tendes desempenhado.*

«Vós estais decididos a levá-la a cabo.

«A vitoria é certa!»

Os últimos dias de Julho decorreram com relativa tranquillidade em torno de Verdun.

Sobre a margem direita, a menor actividade da infantaria,

foi compensada pela intensidade e constancia do bombardeamento. Entretanto, os alemães tentaram apoderar-se de algumas das posições adversas, como as trincheiras de Thiaumont, a ravina ao S. de Fleury, o bosque de Vaux-Chapitre, etc., mas todos os seus ataques foram malogrados.

Durante a noite de 31 de Julho/1 de Agosto, o bombardeamento tomou maior incremento ainda, sendo efectuado pela artilharia de grosso calibre e incidindo especialmente sobre as linhas francesas junto de Thiaumont e mais para E., desde o bosque de Fumin até o de Laufée.

A infantaria alemã voltou então á ofensiva e realizou dois ataques: um sobre Thiaumont; outro entre os bosques de Chapitre e Chênois. Ambos foram detidos pelo violento fogo da defesa.

Na tarde de 1 de Agosto, os franceses atacaram por sua vez e apoderaram-se de alguns elementos de trincheira a O. de Thiaumont, mas, logo a seguir os alemães realizaram durante a noite novos ataques desde o bosque de Chapitre até Damloup e, com o emprego dos gases asfixiantes, conseguiram estabelecer-se numa pequena extensão da primeira linha francesa, sendo repelidos na restante.

Em 2, os franceses retomaram a ofensiva, arremessando-se sobre o bosque situado a O. e S. da obra de Thiaumont e ainda sobre a ravina a S. de Fleury, logrando apoderar-se de duas trincheiras alemãs e de alguns pontos de apoio solidamente organizados. No decurso destas acções, afirmam terem feito cerca de 600 prisioneiros e capturado 10 metralhadoras.

Sobre a margem esquerda do Mosa, os alemães apenas atacaram por duas vezes nesta semana o alto da cota 304, mas foram facilmente repelidos pelos defensores.

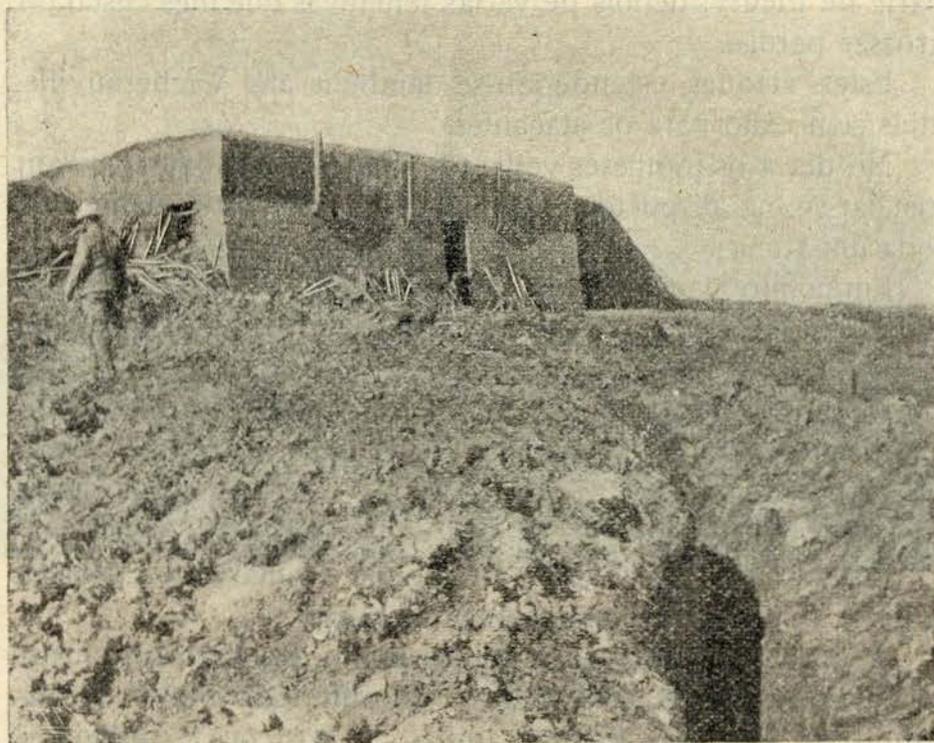
De 3 a 16 de Agosto

Luta renhida em torno de Thiaumont e Fleury, cuja posse é vivamente disputada

Ao exito dos ataques franceses em 2, junto de Vacherauville, responderam os alemães no mesmo dia com furiosos contra-ataques e retornos ofensivos, não conseguindo, porém,

recuperar o terreno perdido e experimentando ao mesmo tempo graves perdas.

Proseguindo na ofensiva, os franceses alcançaram naquele mesmo dia a orla S. da povoação e a estação de caminho de ferro de Fleury, fazendo 700 prisioneiros.



Obra de Thiaumont

tal como se encontrava no poder dos franceses até 6 de Maio.
Nesta data, tendo rebentado uma granada sob o abrigo central, a obra ficou reduzida a ruínas, servindo de observatorio para a artilharia

No dia seguinte continuaram avançando, atingindo a cota 320—junto da linha ferrea Fleury-Montmédy—onde começa a abrir-se o vale de Vaux, conquistando Fleury, fazendo 650 prisioneiros e aproximando-se da obra de Thiaumont. Mais para E. ainda os franceses retomaram parte do terreno anteriormente perdido junto do bosque de Chênois.

Durante a noite de 3/4 travou-se uma encarniçada luta. Os alemães, em consideravel efectivo, lançaram-se violentamente sobre as novas posições francesas de Thiaumont, mas foram repelidos e por tal forma perseguidos que no seu impeto estes

ultimos atingiram a obra de Thiaumont e estabeleceram-se nela ¹.

Curta, porém, foi a sua permanencia ali, pois, cedendo a um energico retorno-ofensivo, tiveram logo de a evacuar.

Durante a mesma noite, depois de intenso bombardeamento, conseguiram os alemães apoderar-se novamente de parte de Fleury, depois de varias tentativas que lhes custaram grossas perdas.

Estes ataques estenderam-se tambem até Vacherauville, aliás sem exito para os atacantes.

No dia 4 os franceses voltaram á carga e de novo lograram instalar-se na disputada obra de Thiaumont, desmantelada, toda em ruinas.

Emquanto atacavam esta obra, os alemães por seu lado redobravam de esforços contra Fleury e, na manhã daquele dia, compeliram os franceses a evacuar a povoação.

De tarde porém estes ultimos, por meio de um soberbo ataque á baioneta, conseguiram mais uma vez retomar parte da arruinada aldeia. Afirmam os franceses terem feito neste dia 400 prisioneiros.

Pelas 9 horas da noite do mesmo dia 4 voltaram os alemães sobre a obra de Thiaumont e sobre Fleury.

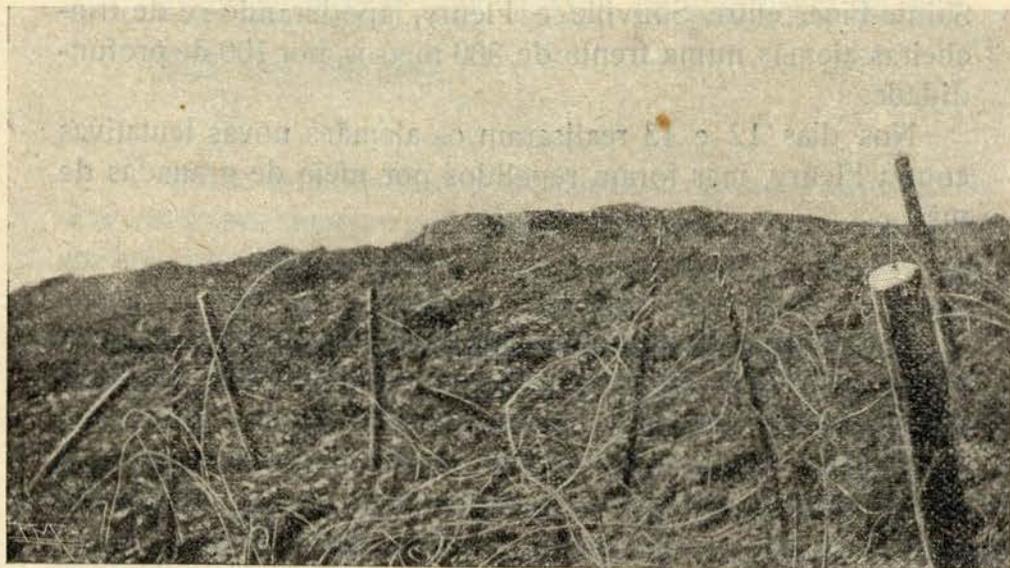
A luta, quer num quer noutra ponto levada a um encarniçamento extremo, prolongou-se durante toda a noite, alcançando os franceses manter ambas as posições e infligindo sensiveis perdas aos atacantes.

Estas perdas e o extenuamento da luta, determinaram uma tregua no dia 5. Entretanto os alemães atacaram durante ele o bosque de Vaux-Chapitre, penetraram nalgumas trincheiras da primeira linha francesa, mas por fim foram repellidos.

Em 7 os franceses progrediram um pouco, conquistando algum terreno em volta de Thiaumont e apoderando-se de mais algumas casas em Fleury. Os alemães responderam com

¹ Foi aos regimentos da 61.^a brigada da infantaria francesa que coube a missão da tomada e defesa da obra de Thiaumont nos dias 2 a 8 de Agosto, missão que desempenharam por fórma a cobrirem-se de gloria. Foi o regimento 96 de linha que tomou pela primeira vez a desmantelada e disputada obra, e a defendeu até ser rendido, no dia 4, pelo regimento 81; este defendeu Thiaumont até á madrugada do dia 9. A 61.^a brigada foi ainda apoiada nestas acções por alguns elementos da 62.^a brigada.

violento fogo de artilharia e, na madrugada de 8, arremessaram-se novamente e com consideráveis forças sobre as disputadas obra e povoação, apoiando os ataques pelo tiro de barreira de baterias de 21^{cm}, o qual impedia o avanço das reservas francesas.



Obra de Thiaumont

tal como se encontrava em poder dos alemães em Junho.
A rede de fio de ferro estende-se deante da primeira linha francesa.

Mais uma vez conseguiram os alemães penetrar na obra de Thiaumont, mas entre ela e Fleury e nesta povoação todos os seus esforços foram anulados, devido sobretudo ao violento e eficaz fogo das metralhadoras da defesa.

Passando por sua vez á ofensiva, os franceses reconquistaram não só todas as trincheiras perdidas em volta de Thiaumont, como a propria obra. Ao mesmo tempo atingiram as trincheiras alemãs fronteiras á zona dos bosques de Chapitre e de Chênois, apoderando-se da primeira linha e de algumas partes da segunda.

As acções do dia 7 renderam aos franceses 200 prisioneiros válidos, entre eles 6 oficiais.

Não se resignando á perda da obra de Thiaumont, ainda uma vez mais os alemães voltaram sobre ela, e na noite de 8/9, depois de repetidos e sangrentos assaltos, conseguiram

expulsar os defensores e de novo se instalaram na desmantelada fortificação, sobre a qual a artilharia francesa imediatamente concentrou o seu tiro.

Em 10 e 11 a infantaria francesa tornou a progredir um pouco na direcção de Thiaumont e a S. E. de Fleury, e no dia 12 travou uma acção de maior importancia a N. da capela de Sainte-Fine, entre Souville e Fleury, apoderando-se de trincheiras alemãs numa frente de 300 metros, por 100 de profundidade.

Nos dias 12 e 13 realisaram os alemães novas tentativas contra Fleury, mas foram repellidos por meio de granadas de mão.

Entretanto e durante todo este periodo continuou a haver pouca actividade no sector da margem esquerda do Mosa, não merecendo assinalar mais do que alguns ataques, sem maior exito, contra as trincheiras da cota 304, entre o bosque de Avocourt e a posição do Mort-Homme.

P. S.



Discurso proferido no 1.º grupo de companhia de administração militar por ocasião do juramento de bandeira dos recrutas.

Nomeado por Sua Ex.^a o Comandante para vir aqui dizer-vos em frases singelas e linguagem chã qual a transcendencia do acto que hoje praticais, vou desempenhar-me gostoso desse dever, e feliz me julgarei se conseguir fazer vibrar os vossos corações juvenis na comoção do amor pela terra em que nascestes, o maior que o soldado deve sentir.

Na nossa vida de soldados ha, mancebos, dois dias grandes: o primeiro é aquele em que, novos ainda, o coração cheio de esperanças e a alma de ilusões, nós vimos prestar, a mão bem estendida sobre a Bandeira ou sobre a espada, o nosso juramento de fidelidade á Patria.

Nesse dia nós vimos dizer-lhe a Ela, a Grande Mãe, que nos sentimos fôrtes para a servir, carinhosos para a amar e valentes para a engrandecer; diante dos nossos chefes e dos nossos camaradas nós vimos oferecer-nos ao sacrificio, e colocar sobre as áras do seu altar as flores da nossa mocidade e as esperanças da nossa juventude.

Se até aqui eramos rapazes, desse dia em diante passamos a ser homens conscientes, pois que tomámos o compromisso de honra de termos por unico ideal na vida o servirmos a Grande Mãe comum.

O segundo dia grande da nossa vida é aquele em que, cumprida a nossa missão até ao fim, com os membros destrocados e sangrentos, ou queimados e resequidos os peitos pela ardencia da febre, restamos para ali esfrangalhados como um farrapo humano.

O destino quiz que recaísse sobre nós a honra grande do sacrificio, e antes da morte, levantados a custo sobre o cotovelo, ouvimos ainda os nossos camaradas soltar os gritos entusiasticos da victoria, e as musicas vibrarem com as notas ale-

gres do regosijo; e percebemos, já meio cegos pela neblina da morte, a Bandeira da nossa terra, alta sempre e magestosa, ondular suave ao vento da terra estranha.

Das prégas das suas dobras vem até nós como que um perfume de gozo, e os vae-vens ondulantes da sua seda são a benção derradeira da Patria distante áqueles que por Ela souberam dar o seu ultimo alento.

No primeiro dia nós somos para a Nação uma esperença, pois que Ela vê nos seus soldados os defensores do seu solo, aqueles que A ampararão nos braços heroicos nas horas de desfalecimento e A defenderão e A vingarão das afrontas de estranhos. Depois do segundo dia somos para Ela uma saudade: o nosso sangue rubro e quente regou a terra donde brotará uma vida nova; sobre a nossa campa virão desfolhar flores os nossos camaradas, os nossos filhos e as raparigas da nossa terra; o nosso nome será pronunciado com respeito pelos vindouros, e, escrito em letras de oiro nas fachadas dos nossos quartéis e nas igrejas e escolas das nossas aldeias, servirá de exemplo de dedicação e lealdade ás gerações futuras, ficando gravado imorredoiamente nos anais da Historia.

A concepção da Patria não sei se todos a terão. A Patria não é só esta luz e este ar, os campos e os montes, os fertes vergeis e as asperas rochas desta boa terra de Portugal; a amizade dos nossos camaradas, o amor das nossas mulheres, as benções dos nossos paes e as caricias dos nossos filhos; não é só o pitoresco dos nossos campos, a limpidez dos nossos rios e a amenidade do nosso clima; não! a Patria é mais do que isso: é tambem a tradição de oito seculos de historia gloriosa; é o fundo dos mares, desde o Atlantico ao Indico, da Europa á America, do Mar da China ao Pacifico, coalhado das naus e galés dos nossos navegadores, afundadas na ancia bemdita de engrandece-la e torna-la maior; a Patria são os padrões imorredoiros que guardam as cinzas dos grandes soldados dout'ora, e que estão espalhados por toda a superficie da terra aonde as suas espadas epicas levaram o nome portuguez, desde a cósta da Africa ás plágas inhospitas do Mar Vermelho, da terra fria do Polo aos palmares ridentes de Java e Ceylão, das terras de Santa Cruz na America ás praias longiquas do Japão e da Cochinchina; a Patria é a lingua portuguesa, melodiosa e suave, falada nas cinco partes do mundo;

é a terra abençoada do Brazil, nosso filho mais velho; são 100 gerações de batalhadores cuja tradição de gloria nós herdámos e que temos o dever sagrado de transmitir intacta aos nossos filhos.

Desde Ourique, em que a força do braço português marcou a lançadas a constituição de facto da nacionalidade, e o Salado, que para sempre consolidou a sua independencia e unidade, até aos nossos dias, a historia da nossa terra está cheia de feitos grandes, de homens illustres, de soldados valorosos, e de exemplos de civismo e dedicação.

Não quero aqui falar-vos, por escacear o tempo, nos Nomes Grandes do Condestável e do Mestre de Aviz, elevado pelo povo á dignidade de rei; nem de Vasco da Gama e Albuquerque, de Egas Moniz ou Pacheco; mas quero lembrar-vos Aljubarrota, batalha em que os portugueses, animados por aquele fogo sagrado e santo do amôr á sua terra, souberam desbaratar com chuços e com piques, com pás e com lançadas, um exercito aguerrido e colossal daqueles que se julgavam com direito a roubar-nos a independencia e a liberdade. E quem hoje for á Batalha lá encontrará perpetuada no trabalho grandioso da pedra a homenagem áqueles que, batalhando, souberam alicerçar com o seu sangue generoso as paredes do edificio nacional por um momento abaladas.

Para que falar-vos depois do resto que eu já esbocei?

A gloria portugêsa é tão grande que não cabe na historia de um só povo, e todas as grandes nações de hoje vieram buscar á nossa terra e aos nossos dominios as bases do seu poderio actual. Fômos nós, só nós, ouvi bem oh «filhos de Portugal! que descobrimos o mundo e conquistámos para a civilização todas as terras que hoje fazem o poderio e esplendor das grandes nações. A Africa, a India, a China, o Japão e a Oceania, a Terra Nova e o Brazil, tudo isso que é hoje grande e forte, dobrou a cerviz á forte espada portugêsa, e a Bandeira desta terra tremulou, conquistadora e altiva, nos seus castelos e cidades. Por que pois desanimar e não esperar ainda novos dias de gloria e grandeza? O sangue daqueles que conquistaram meio mundo é o mesmo que corre nas nossas veias, eram como este braço os braços dos que, á espadeirada, varriam os inimigos e os obrigavam a, humilhados e

trementes, pedir misericórdia; e se a eles os animava o amor santo da Patria, o espirito de sacrificio e abnegação, de sofrimento e martirio por Ela, estes sentimentos fremem tambem nos nossos peitos, e nós anhelamos poder imitar os seus exemplos de civismo e igualar os seus feitos valorosos. Somos pequenos sim, é verdade; mas pequenas foram tambem as nações que hoje são grandes, e pequenos eramos quando fizemos os altos feitos que vos venho narrando. Para que sejamos fortes basta que nos unamos. Podemos ter um grande exercito se todos os nossos esforços pessoais se unirem para esse fim. Mas, vêde bem: grande exercito não é só aquele que tem armas e canhões, balas e granadas, centenas de batalhões e milhares de baterias. Não! isso é muito, mas isso não basta. E' preciso mais que ele seja unido, disciplinado, instruido; que ele tenha o serviço da Patria como ideal unico, e que cada um dos seus membros, desde o mais brilhante general ao mais simples soldado, pense da mesma maneira: que em face da Patria não há direitos, há deveres.—E' preciso que haja o respeito e a admiração pelos chefes, o carinho e o amor pelos camaradas e a dedicação e o espirito de sacrificio pelos seus concidadãos; é preciso que a inveja e a intriga não lavrem e germinem entre os seus elementos, e que todos, irmanados no mesmo pensamento, se compenetrem de que só se é bom militar quando acima de todas as considerações se coloca a de bem servir o seu Paíz. Quando isto conseguirmos seremos fortes, pois sabeis bem que da união nasce a força; e poderemos dar à nossa terra o esplendor e a grandeza que lhe deram os nossos avós. E' a isso que vos vindes hoje comprometer por este juramento. Deveis dar tudo á vossa Patria: a intelligencia do vosso espirito e o trabalho dos vossos musculos, o sangue das vossas veias e o poder do vosso braço. A' Patria tudo se sacrifica, porque Ela é para nós tudo. Os nossos paes educaram-nos para A servirmos e os nossos filhos são educados no Seu amor e respeito.

A Ela devemos dar a honra, a dignidade e a vida, a honra das nossas mulheres e as carnes tenras dos nossos filhos; e é ao cumprimento disto tudo que vos obriga o juramento que hoje prestaes.

Por alguns portuguezes terem esquecido, há 336 anos, estas virtudes cuja pratica vos estou agora lembrando, a nossa terra

caíu nas mãos de estrangeiros, e subjugada e oprimida ficou durante 60 anos.

Foi preciso que 40 bravos, 40 não mais eram eles, um dia se abalançassem ao sacrificio, para que o povo pudesse depois quadjuval-os, e, relembrando-se que lhe corria nas veias o mesmo sangue daqueles que haviam deslumbrado o mundo com as suas façanhas, (e que é o mesmo que o vosso), corresse, num despertar bemdito de amor patrio, aqueles que tinham ousado calcar aos pés a Bandeira de Ourique, de Aljubbarrôta e da India.

Uma crise como essa de ha 300 anos assoberba agora a nossa terra.

Estamos em guerra com um dos paizes mais fórtes do mundo, e brevemente seremos chamados a ir levar aos campos de batalha os clangôres dos nossos clarins e as côres da nossa bandeira.

Hoje, como ha 300 anos, como sempre, a alma do povo não vos faltará, porque nela vibram ainda as qualidades que fizeram epica a nossa raça e grande a nossa terra; mas é preciso que vós vos convençais que a alma sublime da Patria está fixa em vós, e que sois de hoje para o futuro os depositarios da tradição sagrada de tantos seculos de batalhar constante.

Se algum de vós supõe que, pela natureza da sua missão especial, não terá que suportar a dureza do ferro do adversario, engana-se redondamente. Os progressos da artilharia moderna permitem o fogo ás grandes distancias, e este, salvando a primeira linha tactica, irá regar de aço e metralha o terreno em que vós operardes. O vosso sacrificio será tanto maior quanto é certo que será feito a sangue frio: não tereis para vos encorajar o haláli da carga, o clangôr das trombetas ou o estropear rapido dos corceis; não! vós tereis de vos sacrificar em silencio; sereis os obreiros modestos e incançaveis que preparareis a victoria dos outros sem colher os fructos da gloria, e que, no silencio da noite, longe dos clamores das apotheoses e das palmas vibrantes das multidões agradecidas, sentireis esvair-se-vos a vida, cançado o corpo pelo trabalho constante e brutal, ou esvaído em sangue das feridas feitas por mil balas perdidas. A muitos de vós está reservada essa Suprema Honra do Sacrificio; mas nesse momento de angus-

tia, atendei bem : lembrai-vos de que sois portugueses, e das palavras que hoje aqui vos tenho dito, e não esqueçais que, lá no espaço infinito, voejam sobre vós os espiritos de 100 gerações de valorosos soldados que, tendo feito esta terra de Portugal, tendo-A consolidado e engrandecido, em vós esperam que A não deixareis perder.

E' á sombra e sob a egidê do maior dos antepassados que ides hoje prestar o vosso juramento. E' aquele que além está. Chamou-se Afonso de Albuquerque. Foi Ele que conquistou a India ; foi Ele que tomou Malaca, Gôa, Ormuz, que fez tremer o mundo á lembrança do nome português e que levou aos ultimos recantos da terra a gloria da sua Bandeira. Tu ! oh Albuquerque ! grande entre os grandes heroes da nossa terra, véla por estes que agora são chamados a defendê-IA ! Que o Teu Espirito imortal e nobre paire sobre eles nas horas de angustia, e os acalente e anime e lhes lembre sempre nos seus desfalecimentos os deveres sagrados para com a terra querida de Portugal ! Tu ! que fôste maior que Alexandre e Anibal, igual a Cesar ! Tu ! cujo braço nunca fraquejou, e que devido ás intrigas mesquinhas dos que Te invejavam ficaste mal com o rei por amor dos homens e mal com os homens por amor do rei, véla por que as intrigas que a Ti Te dilaceraram a alma nobre e leal não tenham nunca guarida nestes peitos, afim de que, unidos sempre e fôrtes na crença e no ideal unico da Patria, eles possam perpetuar atravez dos séculos o nome glorioso da terra de Portugal. *

EURICO CÂMEIRA.

Capitão

* Na praça Affonso d'Albuquerque, em Belem, maio de 1916.

Gazes asfixiantes e projecteis incendiarios

Os gazes venenosos empregados pelos aliados e alemães, constituem uma nova munição de guerra, que, sem duvida alguma, não se deve considerar muito nobre, quando uns e outros accusam o adversario de ter sido o primeiro em utilisal-a para pôr fóra do combate um bom numero de homens.

Em 23 de abril de 1915, o grande quartel general alemão dava conta do ataque que, no dia anterior, havia empreendido contra as posições de N e N E. de Ipres. Um avanço de 9 quilometros, a tomada do desfiladeiro de Steentraat, no canal daquele nôme, a de 4 povoações, e por fim a captura de 1600 prisioneiros e 30 canhões, foi o resultado obtido pelos alemães no seu brioso avanço.

O estado maior francês, ao dar conta do facto, confirmando a noticia, acrescentava que os alemães haviam empregado abundantemente bombas asfixiantes, cujos efeitos se fizeram sentir a 2 quilometros á rectaguarda das linhas dos aliados; um espesso fumo amarelento, que partia das trincheiras alemãs, foi impellido pelo vento norte reinante e produziu nas tropas um completo efeito de asfixia que se estendeu até ás posições de 2.^a linha.

Segundo a informação francesa, interrogados alguns prisioneiros inimigos, declararam que o processo empregado havia sido objecto de uma preparação metódica, e não sómente foram as bombas que espalharam taes gazes, mas que estes eram tambem lançados por tubos, munidos de torneiras, que permitem a saída da mistura gazosa formada em numerosos recipientes dispostos de ante-mão por toda a parte, e que se aproveita o vento favoravel para pôr em pratica o novo processo. Acrescentaram ainda que, para evitar que as emanações alcançassem os combatentes alemães iam estes munidos, uns de grandes mascaras parecidas com escafandros e outros (a maior parte) levavam tapados a boca e nariz com peque-

nas mascaras, dentro das quais era posto algodão imbebido em uma substancia que neutralisava os efeitos dos gazes.

Os que estes produziram eram não só mortais, mas tambem muito dolorosos, porque ocasionavam uma irritação insuportavel na garganta, olhos e nariz, que produzia vomitos sanguinolentos; os que não morreram em poucos instantes e puderam ser levados para o hospital, faleceram na sua maioria, victimas de accidentes pulmonares.

Os ingleses, por sua parte, indignaram-se com tal processo de combate, contrario ao estabelecido na convenção de Haya, e disseram que, sem duvida alguma, e para preparar moralmente a opinião, tinham noticiado os comunicados alemães, uns 15 dias antes, o emprego dos referidos gazes pelos aliados, fazendo notar que deles partia a provocação.

Responderam os alemães dando a conhecer um documento francês, datado de fevereiro, no qual se especificava a maneira de usar as granadas e os cartuchos fabricados no Estabelecimento central e que continham gazes sufocantes. Esta afirmação foi contestada tambem pelos franco-ingleses, e o certo é que parece arriscado afirmar qual dos dois combatentes foi o que principiou a empregal-os, podendo assegurar-se, em compensação, que presentemente nem uns nem outros tem deixado de se valer de tão reprovavel arma.

Não é, todavia, nova a ideia, pois a dar credito a Polibio, no cerco de Ambracia (180 anos antes da era christã), os defensores da praça encheram de fumo as galerias de aproche; factos analogos conta Tito Livio, e mais recentemente, durante as guerras da Edade-Media, foram empregados vapores de enxofre, etc., pelos defensores e atacantes.

Os povos modernos, comtudo, consideraram como processo traiçoeiro e a Convenção de Haya de 18 de outubro de 1907, diz nos seus artigos 22 e 23 que, «os beligerantes não tem direito ilimitado quanto á escolha dos meios de matar o inimigo» e que «além das proibições estabelecidas por convenios especiais, fica particularmente proibido usar o veneno ou armas envenenadas, assim como projecteis ou substancias que produzam padecimentos desnecessarios».

E' indubitavel que os estudos feitos pelos quimicos alemães ha uns 6 anos a esta parte, e especialmente pelo professor Lehmann e seus discipulos do Instituto imperial de higiene de

Berlim, relativos ao efeito toxico dos gazes, estudos que foram aproveitados em outros países (na França entre eles), ensaiaram-se nesta guerra, com um fim completamente oposto ao que presidiu á sua primeira applicação. Tratava-se de facto, de proporcionar aos industriais, dados precisos que permitissem aumentar a salubridade das oficinas: depois, em 1911, a direcção imperial dos caminhos de ferro alemães, empreendeu uma serie de experiencias para a monda dos taludes das vias ferreas, pela pulverisação de liquidos causticos ou pela projecção de chamas sobre os mesmos, sendo de notar que se abriu concurso entre os fabricantes de maquinas para premiar o aparelho portatil que desse maior rendimento, e um pulverizador, propriedade de uma casa do Hanover, foi registado em França para queimar hervas silvestres e tambem como susceptivel de ter applicações militares.

Finalmente, a direcção das florestas, na Prussia, trabalhou nesses mesmos anos, em obter venenos activos, inodoros e insipidos, que permitiram matar animais carnivoros, que, como o lobo, a raposa, etc. causam danos importantes, e a iniciativa prussiana foi secundada por quimicos de outras nações, que estiveram em correspondencia com os alemães, de modo que não eram patrimonio exclusivo destes os meios reprovaveis, certamente, que se tem empregado nesta guerra.

Em tres especies se podem classificar os gazes: 1.º os que produzem a morte, mas sem ter efeito venenoso algum; matam porque impedem a entrada do oxigenio necessario á respiração. A esta categoria, pertencem o acido carbonico, o azote e o hidrogenio, podendo denominar-se gazes sufocantes; 2.º os verdadeiramente venenosos, como o oxido de carbone, o cianogenio e outros, que são de um efeito fatal e rapido na atmosfera que os contanha a 1 por 100, 3.º os gazes asfixiantes, que ocasionam nos orgãos respiratorios spasmos seguidos de inflamação e a ela pertencem o acido sulfurico, o chloro, alguns compostos do azote e o gaz denominado fosgenio.

Supoz-se no principio da guerra, que destes gazes, era o oxido de carbone o que produzia tantas victimas, mas pensando bem compreende-se que não pode ser o causante delas.

Basta, efectivamente, notar que as granadas uzadas nas peças de 15 polegadas (37,5^{cent.}) pelos ingleses nos seus super-

dreadnoughts, dão, com uma carga de 400 libras (181,4^{kg}s.) 2:500 pés cúbicos (170^m3) de oxido de carbone, e que este gaz se produz com todos os actuais explosivos, e apezar disso não pode attribuir-se tais efeitos a ele, salvo no ataque a Liège e Namur, devido a que as granadas penetraram antes de rebentar. E, não pode deixar de ser assim, dada a extraordinaria difusão que têm os gazes, e a rapidez com que se misturam, que segundo a lei de Graham, é inversamente proporcional á raiz quadrada da sua densidade.

Para que um gaz asfixiante se não espalhasse antes de alcançar as trincheiras inimigas, impellido pelo ar, era preciso ser duas vezes mais denso que este, e só ha nestas condições os 5 seguintes: acido sulfuroso, tetroxido de azote, chloro, bromio e fosgenio.

Destes, parece que, pelas noticias dadas pelos aliados, o chloro e o bromio têm sido os mais usados pelos alemães, entre outros motivos, por possuirem grandes provisões deles, muito antes do começo das hostilidades.

O chloro pode obter-se rapida e simplesmente, aquecendo uma mistura de acido clorhidrico e oxido negro de manganéz; produz-se mais abundantemente, tratando pelo método electro-litico o sal marinho, e é de fabrico corrente na Alemanha; bem condensado no estado liquido e engarrafado em cilindros d'aço forrados de chumbo, tem-se obtido em grandes quantidades, por baixo preço, e era explorado como substancia decolorante, á razão duns 65 centimos por quilograma. Além disso, empregava-se em quantidades enormes na Africa austral e em outros países para o tratamento dos residuos do ouro, não obstante ser de perigoso emprego, porque, deixando livre o gaz liquefeito, produz grandes descidas de temperatura. O químico francês, M. Marne, attribue o baixo preço por que se vendia o chloro, á proteção dispensada pelo governo imperial ás fabricas destinadas á sua preparação (as de Widnes entre outras), e ás compras, em grandes porções, feitas para o exercito alemão, decidido a empregar os gazes asfixiantes, quando rebentasse a guerra.

Sem afirmar nem negar a asserção anterior, parece certo no entanto, que o chloro, uma vez em liberdade, gelava nos tubos dispostos ao longo das trincheiras, e para o evitar, foi preciso levar o chloro para uma camara de

grande capacidade, ou fazê-lo passar por tubos préviamente aquecidos.

Tambem se afirma, que os alemães tinham instalado tubos que avançavam 3 ou 4 metros para fóra das suas trincheiras, munidos de valvulas em comunicação com gazometros e com uma fabrica de chloro, convenientemente oculta, a distancia não muito grande, evitando-se assim as doenças devidas a resfriamento.

O bromio é um producto da industria de sais de Stassfurt, os seus vapores de côr roxo-parda acumulam-se, depois da extracção dos compostos destinados ao commercio, nas aguas mães, podendo-se isolar facilmente e por meios economicos. Auxiliados tambem os fabricantes e monopolizado o commercio mundial deste producto pelos alemães, não comprehende o citado quimico francês, qual o objecto do seu fabrico, a não ser que fôsse uma sistematica preparação para a guerra, onde, segundo diz, se tem applicado, embora o professor inglês Vivian B. Lewes não seja da mesma opinião, porque o sinal caracteristico dos ataques com gaz dos alemães, tem sido a côr amarelenta das nuvens, impossivel de ter sido ocasionada pelo bromio. Mais provavel parece que se tenha uzado uma mistura com o chloro liquido, ocasionando uma tal corrosão nos pulmões, e uma dilatação tão rapida no coração, que a morte era irremediavel.

Quanto a projecteis incendiarios, asfixiantes, etc., ha o seguinte:

Granadas francêsas.— São de forma ovoide, com 6 centimetros de diametro no centro, 22 de altura e 400 gramas de peso. Servem sómente para curtas distancias e para serem lançadas á mão.

Todas levam um pequeno cartão ou etiqueta que indica como se devem empregar.

São incendiadas por um pequeno frictor, e contêm dentro um liquido que, apoz a explosão, espalha vapores irritantes, e devem ser lançadas logo depois de incendiadas, explodindo sete segundos depois. Uma pequena calote de latão e uma rolha roscada, protegem a extremidade por onde se lhes lança fogo. Têm estas granadas, por fim, impedir a perma-

nencia no sitio e nas proximidades onde rebentam, convindo advertir que a sua eficacia diminue muito no caso de reinar forte vento.

Cartuchos franceses.—São de forma cylindrica, com 28 milímetros de diametro por 100 de altura e pesam 200 gramas, destinando-se para distancias maiores que as granadas.

Se se lançam segundo um angulo de 25° , caem a uns 230^m; são de percussão central e disparam-se com a mesma espingarda que se emprega para lançar cartuchos de iluminação.

A polvora incendeia um pequeno cartucho interior que produz explosão 5 segundos depois de ter saído da espingarda.

O seu fim é o mesmo que o das granadas, mas atendendo á sua menor potencia, deve disparar-se por salvas.

Convém observâr que os vapores espalhados pelas granadas e cartuchos não são venenosos (segundo o texto official francês) e a sua acção é momentanea e de duração variavel, conforme as circumstancias atmosfericas, sendo conveniente atacar as trincheiras onde se tenham projectado as granadas e não estejam desalojadas pelo inimigo, antes que os gases hajam desaparecido por completo; mas as tropas de assalto devem ir munidas de mascaras que protejam os olhos, devendo adverti-las que a irritação desagradavel que notarem na garganta e no nariz, não é perigosa, nem traz comsigo qualquer complicação ulterior, segundo consignam as instruções francesas para o manejo de granadas e cartuchos, fabricadas pelo estabelecimento central.

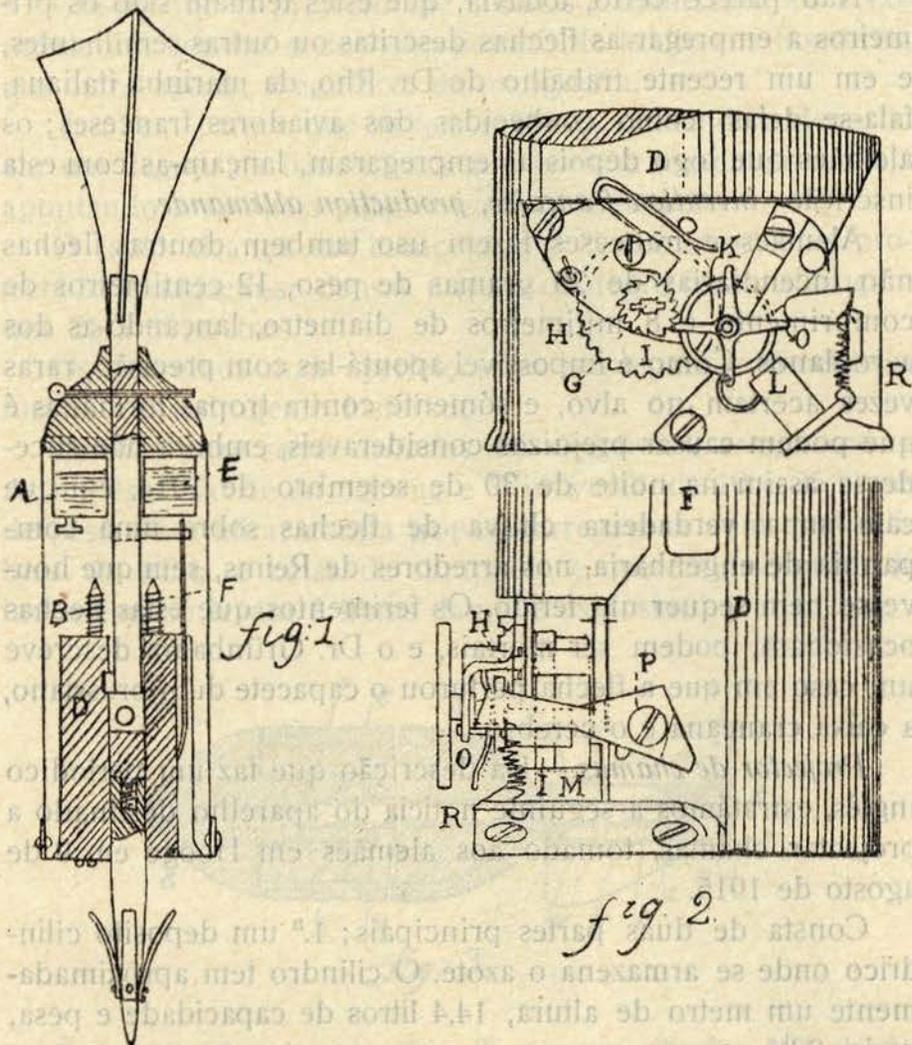
Flecha incendiaria.—Esta flecha inventada por M. Guene, emprega-se, ao que parece, tanto pelos franceses como pelos alemães. É um pequeno projectil cylindrico de 8 centímetros de diametro, 40 de comprimento e 1^{kg} de peso. Consta de duas partes (Fig. 1 e 2), uma delas A, é o deposito da substancia explosiva ou intlamavel, a outra D, desliza dentro da primeira, tendo uns pernos ponteagudos B que podem penetrar em A e produzir a explosão. O cilindro E encerra as duas partes e termina em ponta anteriormente e em forma de penacho pela parte posterior.

Na parte D encontra-se um mecanismo de relojoaria que se põe em movimento pela acção da pequena mola ou lamina F (Fig. 1 e 3).

A roda da pendula H (Fig. 2) e a dentada I, fixas a um

mesmo eixo G, são postas em movimento por uma mola em espiral. A roda I engrena em um carrete dentado, fazendo corpo com o disco K. Quando o mecanismo funciona, gira o disco, roça na peça L, saltam faíscas, incendeia-se a mecha M e produzem estas a explosão da carga.

O disco K leva montado sobre o seu eixo uma cruz com quatro braços O, que permanece fixa pela alavanca P susten-



tada pela mola em espiral R. Ao chocar a flecha contra um obstáculo, desloca-se a peça D; a lamina F apoia-se na extremidade da alavanca P, ao baloiçar esta, fica livre a cruz O e o mecanismo de relojoaria é posto em marcha.

A flecha acha-se disposta de modo que não funcione se não quando se tenha dado corda ao aparelho de relojoaria; ha

para isso uma cavilha T que torna solidarias as partes A e D e sómente quando aquela se parta por uma forte pancada da flecha contra um obstaculo, move-se D com relação a A dando logar aos factos já citados.

Este invento francês appareceu descrito no jornal *Aerophile*, como invenção alemã, dizendo-se que era empregado pelos aviadores alemães.

Não parece certo, todavia, que estes tenham sido os primeiros a empregar as flechas descritas ou outras semelhantes, e em um recente trabalho do Dr. Rho, da marinha italiana, fala-se delas, como conhecidas dos aviadores franceses; os alemães que logo depois as empregaram, lançam-as com esta inscrição; *invention française, production allemande*.

Alemães e franceses fazem uso tambem doutras flechas não incendiarias de 20 gramas de peso, 12 centimetros de comprimento e 8 milimetros de diametro, lançando-as dos aeroplanos. Como é impossivel apontá-las com precisão, raras vezes acertam no alvo, e sómente contra tropas formadas é que podem causar prejuizos consideraveis, embora não succedesse assim na noite de 30 de setembro de 1914, em que caíu uma verdadeira chuva de flechas sobre uma companhia de engenharia, nos arredores de Reims, sem que houvesse nem sequer um ferido. Os ferimentos que estas flechas occasionam, podem ser mortais, e o Dr. Grünbaum descreve um caso em que a flecha perfurou o capacete dum prussiano, a caixa craneana e o cerebro.

Projector de chamas.—Da descrição que faz um periodico inglês, extratámos a seguinte noticia do aparelho destinado a projectar chamas, tomado aos alemães em Hooge em 9 de agosto de 1915.

Consta de duas partes principais; 1.^a um deposito cilindrico onde se armazena o azote. O cilindro tem aproximadamente um metro de altura, 14,4 litros de capacidade e pesa, vasio, 23^{kg}.

Quando está cheio a pressão normal é de 125 atmosferas, mas resiste bem até 190.

Cada cilindro pode proporcionar azote sufficiente para 4 ou 5 projectores de chamas, do tipo projectado pela Fiedler Comp.^a de Berlin.

A 2.^a parte é o verdadeiro projector, que tem um deposito

portatil, dentro do qual se impele com bombas o azote e o azeite.

Para empregar o aparelho, abre-se uma valvula e a pressão do azote comprimido, impele o liquido na mangueira de uns 2,5 metros, terminada por uma agulheta analoga á que se emprega nas regas. A inflamação do liquido pode dizer-se que se produz automaticamente.

Crê-se que o projector de chamas é manejado por 2 homens; um conduz o deposito portatil de azeite aos hombros, e o outro aponta a agulheta da mangueira.

Tambem parece que se tem utilizado, deixando o deposito em um degrau da trincheira, e um homem sómente o maneja apontando a agulheta pelas seteiras do parapeito.

O jacto alcança um comprimento de 2 metros, e ao projectá-lo produzem-se densas nuvens de negro fumo: alcançam uns 25 a 30 metros.

Os aparelhos mais aperfeiçoados empregam o dimetilo, a fosfina e o hidrogenio fosforado.

Bombas para serem deitadas dos dirigiveis e aeroplanos.— As inglêsas são de Armstrong e Whitwirth, de 10 e 25 libras de peso. Para atirar contra tropas, carregam-se com quatro libras de trilita e balas de shrapnels, e querendo-se produzir incêndios, só levam 8 libras daquele explosivo.

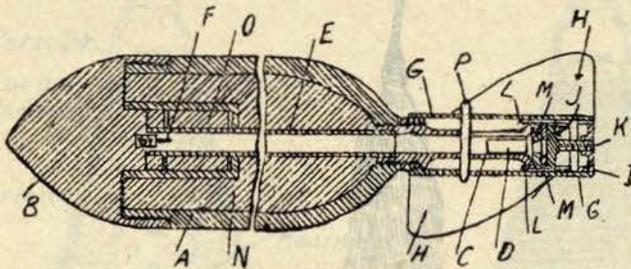


Fig. 3.

É constituida a bomba (Fig. 3), por um cilindro A, fechado por uma parte pela ogiva B e pela outra pelo tubo C, onde se aloja a escorva D.

Interiormente, ha outro cilindro E, onde se aloja a agulha F, contra a qual vem percutir a escorva quando a bomba bate contra um obstaculo e fica livre a escorva. O tubo exterior G é munido de lemes na helice H, que ao cair de certa altura

fazem, ao girar, que também gire o tubo, deixando o extremo I em liberdade na peça J que tem um apêndice K roscado na dita extremidade, apesar do qual a escorva D permanece ainda na extremidade do tubo C, devido a umas pequenas cunhas L que a sujeitam entre o bordo do dito tubo e o bordo cônico M da peça J. Ao chocar, as cunhas saltam em virtude da inercia, fica livre a escorva, bate contra a agulha N e comunica fogo á carga. A argola P de segurança deixa-se quando vai empregar-se o projectil e então é quando podem girar os lemes.

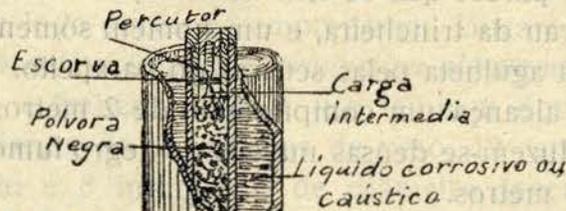


fig: 4.

Segundo outra revista, além destes lemes giratorios que põem em acção o mecanismo de fogo, ha outros fixos para tornar o percurso da bomba inteiramente rectilíneo.

Granadas vitriolosas. — Os dados obtidos são de origem francêsa. Segundo eles, consistem estas granadas em um recipiente de chumbo contendo ácido sulfurico ou soda caustica,

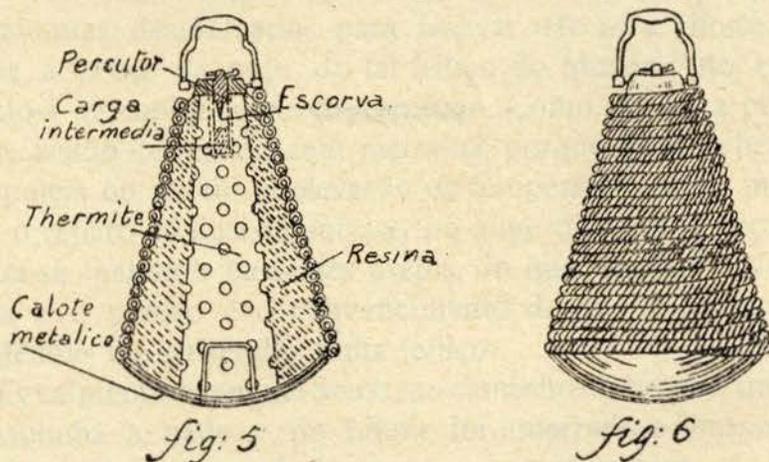
no qual se introduz um tubo munido de um detonador de percussão em comunicação com uma porção de polvora negra suficiente para romper o envolucro e projectar o liquido em todas as direcções.

A Fig. 4, esclarece suficientemente a explicação precedente.

Bombas incendiarias alemãs.—A carga interior delas é a termita, cuja preparação se funda no principio de que uma mistura formada duma composição metalica oxigenada á qual se junta aluminio pulverulento posto em ignição sobre um ponto da sua massa, continúa ardendo por si sem necessidade do oxigenio do ar para entreter a combustão, desenvolvendo ao arder, as mais altas temperaturas actualmente conhecidas, comparaveis unicamente ás que se obteem com um forno electrico.

Ao oxido de ferro da pasta acrescenta-se-lhe uma pequena quantidade doutro oxido, como o de cobre ou manganéz, que cede, com facilidade, o seu oxigenio. Para facilitar a inflamação, que é difficil, junta-se uma carga intermedia de bioxido de bario e aluminio que se inflama facilmente por meio de uma escorva de percussão.

Quando começa a reacção das substancias contidas no tubo tronco-conico central (Fig. 5 e 6), comunica-se o fogo



quasi instantaneamente a toda a massa, envolvida na sua parte inferior por uma calote metalica.

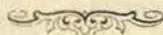
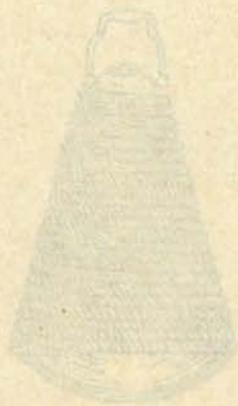
Rodeando a substancia anteriormente citada ha uma massa de resina e envolvendo o projectil existe uma camada de breu.

O percutor, a escorva e a carga intermedia completam o conjunto, que no fundo leva tambem um recipiente contendo fosforo, o qual se funde pela acção do calôr e sai por um orificio situado no fundo da calote metalica.

Os gazes que produzem a combustão do fosforo, são venenosos e a persistencia do fogo é muito grande, até ao ponto do ferro que entra nas construções se fundir ou, pelo menos, sofrer dilatações extraordinarias, deslocando-se as ligações e produzindo a destruição das obras.

Pastilhas incendiarias.— São um composto de termita, com a forma de discos com um orificio central; são de côr tri-gueira e produzem efeitos analogos ás bombas anteriormente descritas.

(Traduzido do *Memorial de ingenieros del ejercito*, por R).



Os Dembos nos Anais de Angola e Congo

(1484-1912)

(Continuado de pag. 700)

Voltou por isso ao Congo maior força, comandada pelo capitão tenente da armada Osorio, a qual foi estabelecer-se a uma légoa de S. Salvador, em «Banzaputo», de que era soba o principe Garcia-Bumba inimigo do Dongo, mas tambem pouco amigo do Catenda. As hostilidades não se romperam logo, dando-se tempo ao Dongo reunir mais gente do que já tinha; e, em varios encontros que se deram, os nossos ficaram sempre mal, perdendo-se bastantes vidas, entre elas a do capitão de artilharia da provincia, Militão, que morreu sobre a peça, quando se propunha desalojar o inimigo que fazia um fogo mortifero das ruinas de um convento. A guarnição desmoralizada abandonou a peça, o gentio veio buscar a cabeça do bravo oficial e depois da retirada dos nossos, entregou-se a batuques desmarcados para festejar não só a vitoria, mas ainda a posse da peça, do tal feitiço do Muene-Puto, envolvendo-a de capim a que lançou fogo. Como porém a peça tivesse ficado carregada com metralha, porque o fogo chegasse á espolêta ou devido á elevação da temperatura, antes mesmo que o repáro se desconjuntasse, no auge da festa, a peça disparou-se matando bastantes pretos, do que resultou a debandada e o panico e o convencimento de que efetivamente a «matenda» ou «aritenda» tinha feitiço.

Egualmente o tenente Sousa, no caminho do Bembe, quando transpunha a nado o rio Lifune foi amarrado e massacrado com quinze soldados da força que o acompanhava.

De distrito a concelho

Em 1857, a região dos Dembos e Mahungos passou a constituir um concelho do distrito do Golungo Alto (este tambem

depois reduzido a concelho) concelho aquele, dos Dembos de que só uma pequena zona da margem do Zenza, confrontando com o Golungo nos chegou a estar subordinado de facto. Não podia viver submetida a região, cujo rei, o Muêne-Congo, vivia na rebelião.

—Luiz Simplicio da Fonseca, referindo-se ao pequeno sobado de Sáca Riactalanga, nas terras do referido N'Dala Cabaça, diz ter sido aqui a antiga residencia do chefe do distrito dos Dembos, extinto em 1857.

(Nenhum mapa antigo menciona este sobado de *Sáca*, porém no de 1885 encontra-se perto da confluencia do rio Lobo com o Lombige uma povoação com o nome de Cabaça e que no mapa de 1900 vem mencionado como Samba. Todas estas duvidas parecem-nos ter por origem a falta de uma simples cedilha na letra C da palavra Saca, por isso logo que se escreva *Saça* facilmente se vê que é a mesma pronuncia de *Sássa*, perto da dita confluencia, hoje bem conhecida por antiga séde official do concelho dos Dembos).

—Em 8 de julho do dito ano (de 1857), o capitão de caçadores 3, Miguel Gomes de Almeida, construiu o forte do Humbe (sendo quem concluiu o dos Gambos) entregando-o ao primeiro chefe daquele concelho, o alferes João Teixeira Pinto.

—A 20 de Dezembro, constituiu-se uma Colonia Militar Agricola, formada pela 1.^a Companhia de Caçadores 3 (criada por D. de 15-7-1856) e mandada organizar na metropole com praças europeias, casadas e com designados officios, seguindo-se a colonisação de Capangombe e a construção da fortaleza.

—Ainda neste ano, foi determinado que o concelho dos Gambos constituísse um presidio, com uma Companhia de Linha.

—Foi igualmente criado o concelho de Malange, séde do distrito de Lunda.

—Tendo-se revoltado o gentio de S. Salvador, contra ele foi enviada uma expedição composta pelas Companhias de Damão e Diu, as quais avançaram pelo Ambriz e Ambri-zete.

Em 1859, esta expedição estava abatida, devido não só á dispersão de forças pelo Bembe e Quimbembe, mas ainda ao

atrás dos prés, e os soldados estarem recebendo apenas «um quarto de canzonuel de feijão por dia» e sobretudo ás febres produzidas pelo grande pantano do Ambriz. Não admira que o gentio caísse sobre esta abandonada tropa colonial, massacrando um dia dois soldados, tendo antes impedido de se dirigir ao Mossulo o alferes Francisco M. de Loureiro, pelo que o governador geral ordenou ao chefe do «concelho de D. Pedro v» que arrasasse a povoação de Cangoriacaxe, reforçando em seguida as forças do Ambriz com 30 praças, comandadas pelo tenente Porfirio Acácio de Athayde Pimenta, 50 espingardas e 400 pederneiras que foram na corvêta «Gôa». Contudo, é neste cáhos, desprovidos de tudo e na estação das chuvas que a expedição avança.

Em 4 de novembro, toma a direcção das operações o major Domingos Antonio Gomes, tendo por ajudante da coluna D. João Xavier da Silva Lobo.

Em 21, é arrasada a sanzála do Dongo. Mas, a miséria aumenta, a situação torna-se insustentável, a força do capitão A. Caetano de Sousa abandonou Quibála e retira através da região revoltada, chegando ao rio Lóge apenas com um morto e seis feridos. Aí, porém, perdeu setenta homens afogados, incluindo um tenente e sua esposa. Os aprovisionamentos para o Bembe só podiam ir via Encóge. O governo geral louvou a resignação e a coragem das nossas bravas tropas coloniais, (muito dignas de mais consideração), mas deixou tudo da mesma forma ao abandono até á chegada da expedição de que se trata adiante, vinda de Portugal.

Em 1859 peóra também a situação dos Gambos, indo ali uma força de Caçadores de Mossamedes, sob o comando do major Horta, que em julho começa a reconstruir a fortaleza. A seguir o capitão Miguel Gomes de Almeida¹, com os restos do batalhão, segue a guarnecer o Humbe, cujo soba e europeus estavam ameaçados pelo gentio do *Nano*. Este mesmo capitão (por distinção) aproveitou a ocasião para tratar com o soba Cuanhama da ocupação do seu territorio, atenta a importancia política e comercial deste, e propoz isso «mas o governo não se importou», certamente porque mais alguma coisa era precisa do que a sua vontade.

¹ e ² Futuros heróis dos Dembos. V. 1872.

Em 1860, este gentio do *Nano* assóla a região da Huila, acampando á vista da fortaleza. O major Silva saiu então fóra com algumas forças e uma peça, sendo porêem massacrados. A onda veio até ao Jau e Humpata, ameaçando Mossamedes, cujos moradores ainda chegaram a refugiar-se nos barcos.

No mesmo ano também houve alteração de ordem no Humbe, logo restabelecida pela intervenção energica e prudente do chefe, alferes Sebastião Nunes da Máta¹, que em abril e maio também interveio na sucessão do sóba da Camba, estendendo-se a nossa influencia até ao Mulondo e enviando por 4 soldados uma embaixada ao Cuanhama.

— Ainda em 1860, de novo se revolta o Bumba. As nossas forças marcham sobre a Feira de Cassange e algum exito obtiveram a ajuizar pela promoção a tenente coronel por distincção do major de 2.^a linha João Francisco do Casal.

— Relativamente á revolta do Bembe (atrás interrompida) nada se adiantou até 1860, em que foi de Portugal uma expedição, a qual chegando a Loanda marchou com forças coloniais para o Congo, sob o comando do valente capitão de fragata José Batista de Andrade, nomeado governador geral de Angola e comandante em chefe das forças ao norte de Dande, levando como *major* Roberto dos Santos. Chegadas a "Banza-puto" em 15 de setembro, logo em 16 de madrugada assaltaram S. Salvador, levando na frente a pretalhada, acampando já nessa noite as nossas tropas sobre o plató em que assentava a cidade preta, que foi incendiada.

O Dongo derrotado retirou para a vertente da montanha e vale do lado opôsto a Banza-puto, e na madrugada de 23 atacou de improvizo o piquete avançado que, sob o comando do capitão Libório se achava no largo da Pangala, proximo de egreja de S. Miguel.

Foi porêem tamanho o corretivo que as praças de D. Rafael Dongo neste dia apanharam que este foi estabelecer-se para uma mantanha afastada dali quinze quilómetros, onde veío a falecer, sucedendo-lhe seu sobrinho D. Rafael Nimiamimi.

O comandante da expedição, José Batista de Andrade foi coadjuvado e salvo por Teotonio Maria Coelho Borges.

¹ Futuros heróis dos Dembos. V. 1872.

Derrotado D. Rafael Dongo, foi a coroa restituída ao Muêne Totéla, marquês de Catenda, que tinha acompanhado esta expedição, adotando o título *D. Pedro V*, em honra do monarca português, pois a este rei do Congo pertencia ser VII de nome, o qual mais uma vez quiz mudar quando D. Luiz I subiu ao trono de Portugal.

Assegurada a posse de S. Salvador, José Batista de Andrade delineou a fortaleza a que se deu principio e o rei estabeleceu-se a um quilometro sobre o mesmo plató da antiga residencia real, proximo da qual foi construido um pequeno reducto em que se montou uma peça de calibre 3.

Passado tempo retirou Batista de Andrade, ficando ali de guarnição com trezentos homens o capitão Ventura José, que fôra da metropole com a expedição.

De há muito que o Congo não era independente, sendo de direito e de facto uma colonia portuguesa cuja sobarania tambem, por se não achar ainda efétivada, era um tanto virtual, assentando mais em tradições religiosas do que na força, pelo menos de policia, a qual nem a mais civilisada sociedade dispensa.

Por mera questão administrativa, este Estado acabou por ser integrado nos dominios de Angola, formando um distrito algo antonomo, ficando assim um grande imperio sepultado nas selvas, o qual, é claro, sob outros nomes, limites e raças segue o seu natural destino.

As tradições religiosas do Congo, espalharam-se pelos Dembos, designadamente pela região mais ou menos extensa que ía governando o Caculo Cahenda, cuja banza de longa data se intitula «S. Antonio de Lisboa», nome este depois imitado pelo Cazuangongo e Quibaxe, tendo o Pango Aluquem dado o titulo da D. Luiz á sua banza.

O N'Gombe Amuquiama tambem tinha dado á sua o de S. Silvestre.

Em S. Antonio de Caculo Cahenda, a povoação capital dos Dembos, chegaram os frades missionarios a construir uma «Egreja» no alto do caminho do Uêmo, perto da banza, tendo existido aí mesmo tambem uma Missão, o que tudo explica o costume de os sóbas dembos uzarem capas roçagantes e cruces, que a alguns dá o aspecto de patriárkas russos.

Em 1861, havia mais no distrito, ao serviço do concelho dos Dembos, uma Companhia de oitenta empacaceiros.

Neste mesmo ano, as forças em operações na Lunda, dividiram-se em duas colunas, uma comandada pelo tenente de infantaria Julio Augusto Serra e outra pelo tenente coronel Casal, o qual foi massacrado com parte da sua gente no Quembo, em 29 de dezembro. Este tenente Serra, que se distingue nos combates de Pafo neste mesmo dia e em 30, reúne então os fugitivos e com a sua coluna mantem-se valentemente até 23 de março de 1862, em que o cerco do gentio e a falta de recursos o forçaram a retirar-se. A quatro dias de Cassange encontrou um socôrro de setecentos homens e uma peça, mas já não ia a tempo e portanto voltou para Malange. O tenente Serra foi promovido a capitão por distinção e pouco depois a major, igualmente por serviços que prestou nas operações de Cassange.

Em 1862, permitiu-se que alguns portugueses vindos do Brazil se estabelecessem nos Dembos para cultivarem o café e o algodão¹.

Os dembos nesta altura pagavam ao governo dizimos e impostos sobre escravos, declarando que o faziam por ordem do seu soberano sua Alteza o Rei do Congo, «irmão» do Muêneputo.

Em 1863, uma sexta expedição organizada contra Cassange foi confiada ao governador do distrito do Golungo Alto, coronel Teotónio Maria Coelho Borges, mas não passou do Sanza, a 46 km. de Malange, onde chegou a 30 de agosto, em vista do Bumba ter protestado a sua vassalagem, de modo que ainda foi reconhecido como «jága» (V. interessante entrevista do Bumba com o delegado do governo, a pag. 241 do livro «O Jagado de Cassange» pelo ilustre explorador, coronel Henrique de Carvalho, benemerito da historia e da ethnografia do distrito da Lunda).

Em 1864, foi colocado como comandante de S. Salvador, Ribeiro da Fonseca, official que além dos importantes servi-

¹ «Anuario Estatístico de Angola», Loanda, 1898 - 1906.

ços militares e sobretudo diplomaticos que ali prestou, conseguiu reconciliar os povos da região os quais por muito tempo não deixaram afastar os nossos soldados da fortaleza.

Em 1865, o alferes Sebastião Nunes da Mata, chefe do do Humbe, vai ao Cuanhama estreitar relações com o soba Chipandéka e vigiar de perto uns carros com alemães ou ingleses, que ali haviam chegado vindos da Damara.

*Em 1867, o concelho dos Dembos e o distrito do Golungo Alto foram ambos incorporados no distrito de Loanda*¹.

III

Guerra de 1872

Em 1872 não só os Dembos, mas ainda as divisões de Caxito, a primeira do Alto Dande (terras de Icau), a setima do Golungo Alto e a decima de Ambaca revoltaram-se contra a nossa autoridade.

Foram então expulsos da região todos os europeus, um dos quais, que tinha propriedades no lugar em que o caminho de Camabela para Sassa cruza com o Lombige foi massacrado, pondo o gentio a essa passagem o nome de Porto Cangundo (do branco ordinario).

Como não sabemos se este nome é merecido, não o ligaremos á pessoa e passarêmos a chamar a esse lugar Porto de Sassa. Corre tambem que neste expulsar de civilização e de traficancias, o Cazuangongo se apoderára de uma criança branca, filha de um fazendeiro, a qual o dembo fez sua mulher, imaginando muitos por esta lenda que o Cazuangongo é mestiço, o que não é verdade.

Na 2.^a edição do «Relatorio das Operações de 1907 (Revista Militar, 1909 e separata)» diz-se que o levantamento foi iniciado pelo Cazuangongo, seguidamente ao cumprimento, em Loanda, de uma pena que considerou injusta;

¹ Em 1914, o concelho do Golungo Alto, assim como a capitania mór dos Dembos passaram para um novo distrito denominado do Quanza, sendo nomeado seu governador o major de artilharia, Alfredo Djame Martins de Azevêdo.

—que durante quasi dois anos o governo mandou primeiro um destacamento, que foi trucidado;

—que os dembos se entusiasmaram e a revolta alastrou sendo preciso uma expedição que nada conseguiu; e

—que a terceira expedição, composta de novecentos e tantos homens, mal organizada, sofreu tão grandes perdas e com elas o nosso prestigio que para passar o Zenza em retirada foi preciso o consentimento dos rebeldes!"

Depois das nossas pesquisas no arquivo do Quartel General da Provincia, verifica-se que estes factos se succederam como vamos descrever, em homenagem á verdade historica e aos nossos antepassados, que se bateram nos Dembos, sem desmerecerem absolutamente nada dos heroismos pósteres.

*
* * *

Sendo o *Caculo Cahenda* déspota e ambicioso e os seus povos por sua vez indomitos, não podendo aquêle subjugá-los, devido ás distancias, começou a exigir do governo o castigo dos mesmos em recompensa da sua vassalagem.

O governo não podendo resolver o problema, protelava a solução com o seguinte officio do governador geral de Angola e suas Dependencias, Francisco Antonio de Oliveira, ao dembo de Caculo Cahenda, D. Francisco João Sebastião Cheque, datado de 29 de janeiro de 1868:

«Devolvo as cartas que me mandastes mostrar de Sua Alteza o Rei do Congo e do capitão Eugenio Massi, ex-chefe desse concelho. Acerca da representação que me fazeis relativas aos sobas N'Gombe Anamboá, Cavunga Cahui e Cavunga Capacaça, tenho a dizer-vos, que é negocio que só poderei resolver segundo o comportamento que tiverdes com o governo.»

Em janeiro de 1870 era mais o Zombo Angola que se subordinava contra o seu opressor, atacando de surpresa povos fieis ao *Caculo Cahenda*, fazendo-lhe alguns mortos e prisioneiros pelo que, este Caculo, querendo utilizar-se das armas portuguezas como de instrumento seu, foi a Sassa pedir ao chefe do concelho dos Dembos, que então era o alferes de

segunda linha Raimundo Lobato de Abreu, que o desagrasse.

O chefe providenciou, porque no Quartel General existe correspondencia relativa ao movimento de trinta praças que dirigindo-se pela terceira divisão do concelho (N'Gombe Anâmbua) foram capturar o dito soba Zombo.

Parece porem que este serviço não satisfez, porque em officio n.º 304 de 12 de agosto de 1870 o chefe do concelho comunicou ao governo que *«o dembo Caculo Cahenda se encontrava presente com quatrocentas pessoas, tendo a guardá-lo até á banza mais de duas mil bem armadas, vindo pedir ao governo o devido castigo do Zombo.»*

Todavia o chefe comunicava ingenuamente:

«Confronte o governo a obediencia deste dembo com a desobediencia do Cazuangongo, D. Antonio Miguel da Silva do Espirito Santo, apesar de já haver sido mandado apresentar em Loanda carregado de ferros pelo chefe anterior, capitão de segunda linha Manuel Queiroz Coutinho, e dispôr apenas de duzentos homens, conforme se verifica pelo lançamento dos dizimos.»

Este procedimento do Caculo Cahenda não foi nem podia ser uma sincera prova de obediencia, mas sim uma demonstração da sua grande força ou então foi reclamar tão autoritariamente que, para que tambem o não mandassem para Loanda carregado de ferros, se fez escoltar por dois mil e quatrocentos homens bem armados.

Então um potentado com duas mil e quatrocentas armas vem queixar-se humildemente?

Uma prova dessa falsa obediencia ia tê-la o governo com a sublevação geral que passado algum tempo irrompeu dos Dembos.

*

* * *

José Inácio de Oliveira, alferes, chefe do concelho, em officio n.º 5 de 20 de janeiro de 1872 comunica ter, em 18, chegado a Sassa o capitão de caçadores 5, Sebastião Nunes da Mata, com quarenta homens de primeira linha e duzentos de segunda e declara esta força insufficiente para pacificar os dembos Caculo Cahenda, Cazuangongo e N'Gombe Amuquiana,

os quais conservam em armas dois mil homens, tendo por si outros povos dedicados na totalidade de dez mil.

O capitão Mata, depois de na marcha sustentar fogo com os rebeldes, comunica em officio n.º 10, datado de Terras de Sassa em 21, que a residencia (posto) do chefe é uma simples cubata, inferior á do gentio, sem obras algumas de defesa, por falta de ferramentas; que para chegar ás «banzas dos dembos» é preciso conquistar o terreno palmo a palmo, de bosque em bosque e de serra em serra; que a sanzala Quimbungo, composta de mais de trezentas cubatas de mubires, aprisionou um furriel e está unida ao Gazuangongo; que apesar de isto a povoação foi atacada e incendiada pelo tenente Vital e alferes Oliveira.

Na noite de 21 para 22 houve tiroteio com os rebeldes.

Em 30 de janeiro de 1872, os officiaes reuniram-se em Conselho de Guerra e resolveram transmitir ao Quartel General esta situação:

«O Caculo Cahenda, o N'Gombe Amuquiama e o Cazuangongo revoltaram-se, recusando-se a pagar os disimos e arrasando á rebelião todos os sobas dos Dembos. A situação das tropas é no centro da rebelião. As banzas estão em pontos inacessiveis¹. A força é apenas de cincoenta soldados de primeira linha, dos quais apenas trinta estão aptos para o serviço e duzentos moveis, esfarrapados, famintos e sem conhecimentos da tactica e da disciplina, os quais fugirão na primeira oportunidade. Não há medicos nem medicamentos».

Por officio n.º 19, de 30 do mesmo mês, comunicam:

«A guarnição de Sassa está quasi cercada, falta de mantimentos, doente, fisica e moralmente, e sem dinheiro. E' preciso o socorro de 3 colunas, cada uma de cem homens de primeira linha, e de outros trezentos de segunda, que deverão entrar:

1.^a — por Cassatola (Quinguengues) para atacar o N'Gombe Amuquiama;

2.^a — pelo porto Mulemba (Mucumbi) para atacar o Cazuangongo; e

3.^a — pela quarta divisão do Golungo Alto, para atacar o Caculo Cahenda.

¹ A banza do Caculo era num môrro sobranceiro ao vale de Sassa. Nesta ocasião ocultou-se meio km. para o interior (Este), onde se conservou até 1913.

Marchas só possíveis por caminhos imensamente acidentados e a um de fundo».

Em 16 de fevereiro, o major comandante Alexandre Justino Alvim Pereira, pelo officio n.º 77, comunica haver chegado ao Dondo com o batalhão de caçadores 4 de Africa Ocidental, na força de sete officiaes e cento e sessenta e seis praças e mais onze de artilharia, com uma peça, a bordo dos vapores do rio Cuanza, esperando que o já referido soba Cabouco e outros de Cambambe lhe fornecessem auxiliares ¹.

Não existia ainda o caminho de ferro de Loanda a Senze de Itombe.

Em 23 do mesmo mês, em officio n.º 90, justifica não ter avançado para evitar um massacre como o de Cassange, visto andar a angariar mantimentos e carregadores, e comunica o seguinte plano:

«O soba Zombo e seus aliados atacarão o Caculo Cahenda. Simultaneamente o chefe do Golungo Alto passará o Zenza no porto de Malemba com os empacaceiros e o batalhão de caçadores 4 e gente do soba Cabouco atacarão pela divisão de Cassatola, convergindo todos sobre Sassa, a fim de levantarem o cêrco».

Em 27 de fevereiro, o capitão Mata bateu-se com os rebeldes no Lombige.

Em 23 de março, pelo officio n.º 101, datado de Porto Cabanga, esquerda do Zenza, comunicava o major Alvim, comandante da expedição aos Dembos, que se achava acampado em frente do inimigo; que por falta de canôa não entrou por Cassatola; mudando de direcção e juntando-se em Cabunga Cangombe ás forças do Golungo Alto e do capitão Mata; que em vista do Zenza não dar vau em parte alguma, estavam esperando a construção das canôas, que estava mau tempo; que tinha reunidos duzentos cincoenta e um homens e mais um alferes de segunda linha e cento e uma praças moveis, trezentos trinta e quatro empacaceiros (gente de varios sobádos) e duzentos trinta e oito serventes, prefazendo o total de *novecentos e vinte e quatro* homens; que nomeou o capitão Mata ma-

¹ O Soba Cabouco já nos auxiliou na guerra de 1792, sendo nomeado coronel honorário e cavaleiro da Ordem de N. S. da Conceição de Vila Viçosa.

jor da expedição; que as munições da peça não rebentam; e que falham as capsulas do cartuchame Amimié.

—Estavam então em plena época das chuvas.

Em 3 de abril chega o facultativo de segunda classe Luiz Fernando Colaço com uma ambulancia, que pouco mais era que a botica de um barbeiro de aldeia.

Uma coluna constituida com pessoal e material desta natureza, com falta de generos e de tendas abrigos, não admira que continuasse acampada em Cabanga (hoje Sala-Cabanga, entre Calunga e Luango), caminho directo para Sassa e que só até 11 de abril dela tivessem desertado cento oitenta e nove empacaceiros, sendo as tropas de primeira linha insuficientes para impedirem a fuga dos auxiliares.

Em 29 de abril concluiu-se a canôa.

Entretanto o capitão Mata foi a Loanda expôr a situação e o major Alvim deixou de ser o comandante.

Em 27 de maio de 1872, o capitão Bartolomeu José de Paiva entregou aqui ao tenente coronel, novo comandante, Miguel Gomes de Almeida, trezentos noventa e dois homens, sendo 215 de primeira linha (9 oficiais, 5 sargentos e 11 artilheiros), 77 soldados moveis (ou de segunda linha) e 100 auxiliares.

Com a expedição reorganizada, o tenente coronel Almeida avançou, dando o «Boletim Oficial» n.º 23 de 10 de junho de 1872 a seguinte noticia:

«A nossa força em operações nos Dembos, passou á margem direita do Zenza, sob o comando do tenente coronel Almeida, havendo muitos mortos e feridos entre o gentio. Feridos do nosso lado levemente o capitão Nunes da Mata, alferes Gomes e alguns soldados».

As nossas forças chegaram a Sassa em 11 de junho, depois de serem atacadas de 6 a 9.

O comandante da coluna acusa a falta de generos e a existencia de maus caminhos e diz que *vai officiar ao dembo Caculo Cahenda para a coluna poder avançar contra o Cazuangongo* (vide «Boletim Oficial» de 28-6-72).

Em 24 de junho comunicava ataques recebidos, falta de apresentação dos sobas e falta de resposta de Caculo Cahenda.

Este dembo continuou a não se importar e entretanto o tenente coronel Almeida, mandou duzentos e quarenta homens

atacar o Cazuangongo que, além de sér muito mais fraco, ficava mais proximo.

Iniciou-se o fogo do vale de Quimbungo para o N., travando-se um combate sério nas terras do Fêsno.

No dia 24 de junho, a banza foi atacada e incendiada e a força foi pernoitar a Hilêma.

Em 25, seguiu para Santa Emilia de Columbe onde residia o comerciante e agricultor Augusto Archer da Silva.

Em 26 e 27, houve fogo, travando-se outro combate rijo em 28, no vale de Columbe.

Em 29, combate-se seriamente de Canquem a Quimbungo.

Em 30, também, sofrendo a coluna o maior dano na serra de Quimbungo.

O resultado foi reduzir a cinzas mais de três mil libatas; o Cazuangongo fugiu para o N'Gombe Amuquiama e os seus suditos soffrerem muitos mortos e feridos e nós trinta e cinco baixas, ficando mortos: o alferes José Emidio Tavares, sete praças e três serventes; e ficando feridos dezasete praças, um guia e seis serventes.

Os mubires foram os mais guerreiros e teimosos.

Em 30 de junho, tínhamos seis officiais e sessenta e quatro praças doentes.

Em 7 e 8 de julho de 1872 as nossas tropas bateram o gentio do Caculo Cahenda, que tinha chamado gente dos mahungos, produzindo-lhes muitas baixas.

Este ultimo feito de guerra vem no "Boletim Official" n.º 31, de agosto, mas deve ser uma noticia vaga do encontro com alguns vassallos do Caculo Cahenda, porquanto, velhos calculos coévos, garantem-nos, e nós reconhecemos que aqui nesta banza de S. Antonio de Caculo Cahenda nunca entrou força alguma, nem mesmo na antiguidade. Os combates podiam, entretanto, darem-se nas faldas desta serra.

No suplemento ao "B. O." n.º 39, publica igualmente o comandante da expedição que o Caculo Cahenda e o Cazuangongo pediram a paz e o mesmo ia fazer o N'Gombe Amuquiama, para o que os embaixadores dêste, já tinham chegado á banza do Caculo Cahenda.

Auto de paz que pôz termo á guerra :

"Aos vinte e quatro dias do mês de setembro do anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo, de mil oitocentos

setenta e dois, neste concelho dos Dembos e acampamento da Coluna de Operações, achando-se presentes o tenente coronel Miguel Gomes de Almeida, comandante da sobredita coluna, capitão comandante da bateria de artilharia Francisco José Roma, tenente do batalhão de caçadores numero três, Antonio Ribeiro Mendes Negrão, alferes do batalhão de caçadores numero cinco Eduardo Alberto Ribeiro, e eu Izidoro José Gomes Seabra, tenente ajudante do batalhão de caçadores numero quatro, que aqui sirvo de secretario, compareceram: Dom Sebastião Francisco Cheque (Muene Mufuque) e Dom Gonçalo (Muene-Catuma) *ambos macotas do dembo Caculo Cahenda*, e Dom Joaquim (Muene Capita) macota do dembo Cazuangongo, e em presença dos officiaes acima mencionados declaram os primeiros por meio do interprete, o alferes Eduardo Alberto Ribeiro, *que eram enviados pelo dembo Cacuio Cahenda para em nome dos seus colegas Cazuangongo e N'Gombe Amuquiama assegurarem ao comandante da coluna de operações que as pazes, que todos pediam, eram sinceras e leais e que, para prova de isso, eles se prontificavam a acompanhar até ao rio Zenza a diligencia que ia ao deposito de Calunga comboiar os mantimentos que dali deviam vir para a força, e que mais davam como segurança o procedimento que já haviam tido de fazer retirar dos portos e acampamentos todas as forças que ali tinham; Que os desejos dos Dembos e os do povo era que a guerra terminasse e que o concelho podesse tornar a gozar a paz de que ha tanto estavam privados; Que não compareciam com os macotas do dembo N'Gombe Amuquiama porque desde mil oitocentos e cincoenta que não haviam tornado a este ponto e por isso tambem não o faziam agora, porém, que se achavam na banza do dembo Caculo Cahenda, a quem estavam confiados os negocios da guerra.* Por esta ocasião declarou o macota do dembo Cazuangongo, que se achava autorizado para dizer que o dembo Caculo Cahenda estava autorizado para resolver tudo como melhor entendesse e que por isso tudo quanto os seus macotas fizessem seria aceito. Por esta ocasião pediu o macota Muene Mufuque que fosse satisfeito o pedido do Dembo com relação á saída para fóra deste concelho ¹, do capitão reformado, Gonçalo de Oliveira

¹ V. anos de 1856, 1898 e 1913.

Beça, tenente das companhias moveis Rebelo e Cunha, e alferes Sampaio, *homens estes que vivem aqui só com o fim de extorquirem quanto podem aos povos*, o que lhe foi concedido. Prometeram todos ser vassálos obedientes e como tais prestaram verdadeira obediencia ao chefe do concelho e mais autoridades, proteger o comercio e a agricultura, e empregar todos os meios ao seu alcance para que as estradas e caminhos publicos fiquem livres e desembaraçados de salteadores.—Pelo que se fez este auto, que vai ser assinado por todas as pessoas acima mencionadas e por mim Izidóro José Gomes Seabra, tenente ajudante do batalhão de caçadores n.º 4, servindo de secretario, que o escrevi. (aa.)—Miguel Gomes de Almeida, tenente coronel, comandante; Francisco José Roma, capitão de artilharia; Antonio Ribeiro Mendes Negrão, tenente de caçadores n.º 3; Eduardo Alberto Ribeiro, alferes de caçadores n.º 5; Izidóro José Gomes Seabra, tenente ajudante de caçadores n.º 4.

(Continúa).



CRÓNICA MILITAR

Austria-Hungria

Granadas de mão e de espingarda.—A guerra russo-japonêsa reabilitou as granadas de mão; estas foram estudadas no exercito austro-hungaro, resultando das experiencias a adopção de um modelo de construção nacional.

Este é esférico, de 8 cm. de diametro e 1.500 kg. de peso, com escorva apropriada. Lançada á mão chega até 20^m proximamente e com funda até 50.

Por agora, a distribuição de tais granadas tem-se limitado aos corpos de artilharia de fortaleza para o seu emprego no ataque e defesa dos pontos de de apoio.

As Hale experimentadas em 1909 deram muito bom resultado, segundo manifestava o jornal francês *Le Matin* de 9 de outubro do dito ano.

Tambem se ensaiou em Nendamm, ao que parece com resultado satisfatorio, a «granada de espingarda» sistema Burgsdorf, que com um alcance de 250 a 300^m proporciona uma dispersão de estilhaços em uma superficie de 40 a 50 de profundidade por 10 de largura.

França

Granadas de mão.—Os regulamentos relativos ao serviço das bôcas de fogo de sítio e praça inseriram nas suas prescrições algumas relativas á instrução das tropas de artilharia de fortaleza, no lançamento de granadas de mão.

Ao findar a campanha russo-japonêsa pensou-se em dotar as tropas de infantaria, artilharia e engenharia com um novo modelo de tal artificio que correspondera ás exigencias de uma nova utilização.

Começaram as experiencias com tipos diversos, mas não deveriam ser aquelas de resultados muito satisfatorios, quando em 10 de abril de 1908 se publicaram umas breves instruções relativas ao emprego, pelas mencionadas tropas, das granadas de mão, até então regulamentares na artilharia de fortaleza (cujos principios se achavam determinados em disposições isoladas) sem prejuizo de continuar o estudo dos modelos mais recentes para adoptar oportunamente o mais conveniente, o qual, que saibamos, não se fez até agora.

As mencionadas instruções destinam a cada companhia ou bateria, para efeitos de ensino, 6 granadas vacias, 18 espoletas de instrução.

Os exercicios de lançamento de granadas fazem parte do ensino geral e são incluídos nos programas de instrução dos corpos. Certo numero de secções constituem o ensino preparatorio que mais adiante se completa com as praticas *ad hoc* verificadas durante os exercicios de ataque e defesa das obras de fortificação.

Independentemente deste ensino, os sapadores que recebem a especialização de *mineiros*, são instruídos no lançamento de granadas de mão de tipos diversos, e na construção de outras cujos modelos são da iniciativa dos comandantes de corpos, ou ainda se improvisam mediante explosivos e artificios regulamentares (petardos ou cartuchos de milinite, escorvas fulminantes, mechas, detonadores, etc.) e toda a especie de elementos com que em campanha se pode contar (arame, cravos, residuos metálicos, projecteis varios, etc.).

Voltando á antiga granada regulamentar em França, diremos que no seu proprio país tem sido objecto de criticas tão acerbas como justificadas.

O seu elevado peso (1.200 gramas) e o seu sistema de lançamento dão lugar a que lançada simplesmente a braço, a maioria dos soldados não vão mais além de 20^m, sem que nunca os mais vigorosos e praticos excedam 30^m. Lançadas com funda podem chegar aos 50^m, desde que o granadeiro se ache bem exercitado.

A sua forma esférica permite obter uma trajectoria regular, mas a sua acção destruidora é deficiente. Se se lançam granadas debaixo para cima, a pratica tem demonstrado que se corre o risco de voltarem as granadas ao campo amigo e nele produzirem efeitos destruidores.

Tem se tratado de aumentar a sua potencia utilizando como carga um moderno alto explosivo em vez da polvora ordinaria que leva no seu interior; mas não tem sido possivel dotar-se com um dispositivo apropriado de percussão.

Este inconveniente torna-se exclusivo da guerra de sitio, na qual certamente pode actuar como projectil de pequeno alcance e trajectoria muito curva para bater um adversario situado atrás de um parapeito.

Nas recentes campanhas levadas a cabo em Marrocos, as tropas francezas improvisaram e utilizaram *granadas de mão*.

Para isso empregaram os cartuchos de *melinite* atando-os, sendo guiados na sua trajectoria mediante uma folha de palmeira proximamente de 50 cent. metida entre eles.

O artificio de fogo consistia em um salsichão Bickford e uma mecha que se incendeia á mão, havendo-se ensaiado tambem um detonador de percussão, consistindo em um frictor que se fixava no artificio destinado a inflamar a melinite.

O dito frictor devia provocar a deflagração ao chocar no solo; mas produziam-se numerosas falhas, por não bater a granada na terra com o detonador.

Russia

Projectores electricos. — A Russia concedeu grande importancia aos projectores electricos, e dotou cada corpo de exercito de duas divisões com 12 estações fotoelectricas distribuidas pela forma seguinte: uma estação com projector de 90 cm., montada em carruagem-automovel, para o comandante superior do corpo de exercito. Outra, com projector de 75 cm., transportada em uma carruagem de 4 rodas e em outra de duas para o mesmo comandante.

Duas estações com projector de 40 cm. em carruagens de duas rodas, que tem grande mobilidade, sendo uma para cada regimento de infantaria.

Há, além disso, outras estações especiais com projectores de 40 cm. affectas ás tropas de montanha.

DIVERSOS

Nevrose das trincheiras. — São de um eminente clinico da Salpêtrière as linhas que seguem :

«As enfermidades humanas desvendam pouco a pouco o segredo da sua origem, da sua evolução e da sua terapeutica. Um grupo, porém, tem permanecido e conservado a sua independencia de todo o factor anatomico visivel ; constituindo actualmente o genero das *nevroses*.

«No recondito das oficinas geralmente se produzem manifestações nervopaticas sobre organismos enfraquecidos, debilitados pela miseria ; mas nos campos de batalha, a *vida das trincheiras* e as emoções do combate determinam com mais frequencia este facto clinico. Estas variadas transformações do sistema nervoso são tão graves como qualquer outra de economia animal.

«Sandras, em 1851, e Huchard, em 1883, definiram acertadamente o character das *nevroses*, reduzindo-as aos 5 tipos seguintes : *estado nervoso, chorea, eclasia, epilepsia e histeria*, cujo character comum, segundo Reymond, consiste em não produzirem lesões organicas, apreciaveis pelos actuais processos de investigação.

«E grande numero de bravos volvem aos seus lares com o corpo intacto e a alma ferida de morte, após pelepas memoraveis.

«Não pequeno numero de soldados enlouquecem pela intoxicação dos gases asfixiantes, e não é justo que o que perde um braço ou uma perna seja mais digno de gratidão nacional do que o infeliz nevrotico, cuja existencia se abre, se distende para um mundo de ideias desordenadas.

«Em 1872, Charcot observou, na sua celebre clinica da Salpêtrière a descendencia tarada de uma infinidade de crianças, cuja herança nevropatica fôra transmitida pelos defensores de Paris, denominados os infortunados *filhos do sitio*. «Parece que uma nova geração se vai produzir, a dos desgraçados *filhos das trincheiras*.

«O combater incessante, continuo e intermino ; a incerteza, a duvida da vitória ; o quadro brutal, tetrico, da morte que a todo o momento se apresenta ; as privações de toda a especie ; a fome, a sede, o frio das trincheiras produzem, determinam os desequilibrios do sistema nervoso perpassando por toda a gema nevrotica desde os simples delirios emotivos até ás formas agudas e delirantes, até ao esgotamento, á confusão mental privativa e ao delirio alucinativo.

«Os traumatismos tão frequentes e as comoções cerebrais, provenientes do estampido dos grandes canhões, occasionam um estado emocional que extraordinariamente se agrava com o violento e desolador espectaculo que continua e incessantemente envolve, circunda os combatentes a ponto de produzir-lhes verdadeiros delirios, perda de memoria, confusão, desequilibrio mental, demencia e estados neurastenicos, histeria, ataques epilepticos e paralisia mental.

«E' justo, é humano que reclamemos para essas vitimas de uma civilisa-

ção mal contida, o principio de solidariedade e de fraternidade humanas, dando a eles o mesmo conforto, o mesmo arrimo que aos estropeados. Tanto uns como outros se sacrificaram pela defesa da patria amada».

(Do *Boletim mensal do Estado maior do Exercito* do Brasil).

Hospital de deprimidos. — O hospital de deprimidos (*schock*), organizado para proporcionar um repouso prolongado aos individuos cujo sistema nervoso ficou seriamente abalado pelo esforço e excitação consequentes da permanencia prolongada em situações muito expostas, está situado no meio do campo, bem afastado da primeira linha, composto de tendas e barracões de madeira, construidos em parte pelos proprios convalescentes, e de alguns edificios dos arredores onde se instalaram algumas dependencias. Os enfermos dessa especie são numerosos actualmente, em numero muito inferior aos das guerras anteriores. Muitos são enviados á Inglaterra e lá permanecem por longo tempo; ou se curam, ou dão baixa do serviço por incapacidade fisica.

Dos casos clinicos, 80 % tem sido coroados d'exitto. O método empregado consiste em um completo repouso nos primeiros tempos, transformando-se o modo de vida tanto quanto possivel e afastando-se dele a menor ideia de luta. Os seus armamentos são limpos e recolhidos pelo mestre armeiro aos respectivos depositos.

Logo que os doentes chegam ao hospital, são submetidos a um duche d'agua quente e a roupa desinfectada, etc. Durante a sua estada no hospital, usam do uniforme azul regulamentar. A alimentação é abundante, substancial e bem temperada, sendo-lhes permitido jogos e diversões compatíveis com o seu estado, em barracões especiais, salas de recreio e leitura e um salão em que diariamente se exibem films cinematograficos, na sua maioria de propriedade do estabelecimento. Quando se vão restabelecendo, são empregados em suas occupaões habituais, antes de reintegrar-os no exercito. Aos jardineiros e lavradores, o tratamento dos jardins; aos marceneiros e carpinteiros, a construção de novos barracões e de moveis; aos latoeiros, os utensilios das latas de provisões, etc.

Ao sairem do hospital, recebem o armamento e vestuario recolhidos, e seguem para uma das estações de 3.^a linha, para entrar no ciclo normal de descanso, reserva e trincheira.

(Do *Boletim mensal do Estado maior do exercito*, do Brazil).

A cruz de ferro. — É de todos bem sabido que no exercito alemão a cruz de ferro é a recompensa mais cubiçada, por ser esta condecoração reservada para premiar feitos heroicos ou serviços distintos. Não deixa, portanto, de ser curiosa a noticia transcrita do *New York Herald*, que diz assim: «Os jornais alemães noticiam que o numero de cruces de ferro de 1.^a classe concedidas desde o principio da guerra, sobe a 9:006».

O carvão contrabando de guerra? — A avaliar por um artigo que publicou recentemente, *La Nature*, parece que na Inglaterra se estuda esta questão, cuja importancia é inutil encarecer.

Mas, a parte verdadeiramente curiosa desta medida, caso se a leve a cabo, é o motivo que a origina.

E' manifesta a importancia que actualmente tem o manganez na industria siderurgica, tanto civil, como militar. E, é natural que a Alemauha, onde a produção de manganez é muito escassa, sofra uma grave crise deste elemento industrial, em consequencia do bloqueio a que actualmente está sujeita.

A imprensa alemã, todavia, tem feito saber ao publico, por intermedio das suas agencias de publicidade, que os quimicos daquele país haviam conseguido conjurar o conflito, substituindo o manganez por outro metal ou produto de que se disponha abundantemente. Mas, ao que parece, os aliados—e sobretudo os ingleses—vem negar a possibilidade de que isto seja verdade, porque em principio sempre ha meio de substituir uma coisa por outra, suspeitam que se *contrabandeia* mineral de manganez, para o que se recorre ao *ardil* de o misturar com carvão combustivel nas carvoeiras dos navios. Isto é muito de presumir, porquanto o principal mineral de manganez (pirolusita) é de côr negra mate e muito facilmente confundivel e dissimulavel com o carvão, sendo por este motivo mui difficil de evitar o contrabando, por ser tambem muito difficil inspeccionar as carvoeiras dos navios em geral e dos que se dedicam a este genero de contrabando em particular. Como o minerio de manganez tem que ser beneficiado em alto forno, e para isso ha que o misturar com carvão, resulta que o contrabando pode fazer-se de fôrma tal, que chegue misturado com carvão ao seu destino, quasi em condições de ser immediatamente beneficiado no alto forno directamente, passando a este desde logo e sem manipulação alguma, desde as carvoeiras do navio que o conduz.

A guerra de sapas e de minas.— Fôra da zona dos combatentes, parece que a guerra de trincheiras está aceite no espirito popular com a ideia bem nitida de inacção e ainda de repouso.

No entanto, nada mais longe da verdade que este modo de apreciação.

A guerra de trincheiras é, pelo contrario, uma luta contínua e sem descanço, que exige uma actividade febril, uma vigilancia sem desfalecimentos, um estado moral excelente.

A enorme quantidade de terra removida diariamente para executar novas trincheiras e novos ramais, o numero de cartuchos e granadas atiradas, o peso dos explosivos consumidos e, finalmente e sobretudo, o numero de mortos e feridos tanto duma como doutra parte, bastariam para provar de uma maneira perentoria que a guerra de trincheiras é mais que um combate contínuo em todo o comprimento da frente.

A sua intensidade é a linha de fogos, que alcança cerca de 450^{kg.}, mas toma um caracter muito agudo nos pontos em que um exito parcial dos adversarios provoca a intervenção de reservas mais ou menos importantes, conforme o interesse dado á posição conquistada ou perdida,

Nesta guerra, os dois adversarios estão enterrados e a acção da espingarda e da metralhadora não pode tornar-se efectiva mais do que quando o inimigo se decide a sair da sua toca e dar o ataque.

A artilharia tem uma acção mais eficaz, necessitando o emprego do telefone para fazer a regulação do tiro, ainda quando o consumo de munições não está sempre em relação com os resultados obtidos.

Desde o momento em que as trincheiras inimigas estão distanciadas apenas uma centena de metros, a guerra propriamente dita de trincheiras começa.

Caracterisa-se pela execução de *sapas*, que permite avançar a coberto até junto do adversário.

E' ali onde o papel das tropas de engenheiros se torna preponderante.

Cada 30 ou 40 metros de trabalhos de sapa, que então se designa pelo nome de *testa de sapas*, estão ligadas por meio de *paralelas*. Quando as sapas teem chegado a distancias suficientemente proximas do inimigo, como para que este possa deter o avanço lançando sobre os trabalhadores granadas e bombas, começam os sapadores a fazer uma entrada para *galerias de minas* que terminará por um *fornilho* de explosivos cuja importancia da carga varia com a profundidade do fornilho abaixo do terreno natural.

Estes forninhos são, em geral, colocados debaixo de um saliente ou de pontos particularmente ocupados da linha inimiga (abrigos de metralhadoras, fortins, castelos, etc.). O seu numero depende dos resultados a obter e da importancia da acção a empenhar.

A explosão dos forninhos de mina dá o sinal de ataque, ao mesmo tempo que produz um funil no solo, destruindo os orgãos de flanqueamento do adversário, e abre brechas nas redes de fio de ferro que protegem a sua frente.

Ofensiva subterranea. — A guerra de trincheiras conduziu insensivelmente, e pela força dos acontecimentos, á guerra de minas.

A primeira linha de trincheiras na zona de combate, constitue uma defeza avançada dos pontos de apoio (aldeias, bosques, castelos, etc.) e serve para estabelecer a ligação entre eles.

Emquanto o contacto entre os adversários não é muito intimo, estando eles separados por distancias de 500 a 600 metros, esta linha avançada não é continúa sendo simplesmente ocupada por sentinelas e postos.

Quando por lanços a descoberto e em seguida por meio de sapa, as linhas avançadas se teem aproximado suficientemente para que se não torne possivel qualquer progresso sem sofrer fortes perdas pelas bombas e granadas, começa a guerra de minas.

Neste novo periodo, a distancia entre as trincheiras francesas e alemãs varia entre 25 e 50 metros.

Parece que seria mais facil, mediante um lanço rapido e imprevisto, arremessar-se sobre as posições do adversário. Mas, á medida que progredem os trabalhos do atacante, o inimigo, por sua vez, aumenta os elementos da sua linha avançada, flanqueia-os com numerosas metralhadoras, guarnece-os de lança-bombas e tem amontoado diante dos parapeitos, como tambem á retaguarda, redes de fio de ferro já organizadas e defezas accessorias de toda a especie.

A propria trincheira é sempre em principio ocupada por sentinelas mais ou menos numerosas; mas a possibilidade dum ataque impõe a presença de reservas nas proximidades, prontas a intervir, o que por si reclama a criação de ramais de comunicação para permitir essa intervenção.

Assim, o simples facto de efectuar trabalhos de sapa e paralelas na proximidade do inimigo, teem como primeiro resultado imobilisar diante de si numerosas tropas e tel-as constantemente sob a ameaça de um ataque.

Se este se der, o exito não pode ser seguro senão destruindo préviamente as defezas accessorias e quando desapareçam os orgãos de flanqueamento.

Estes resultados podem ser obtidos por um tiro intenso de artilharia e ainda de metralhadoras. Comprovou-se que com 10:000 cartuchos, pode-se abrir uma brecha de 20 metros. Mas, para que estes meios sejam uteis, devem ser seguidos imediatamente do assalto, visto advertirem o inimigo do que vai suceder. Do contrario, este mantem-se alerta, toda a gente toma a sua posição de combate, as brechas abertas são imediatamente batidas com fogos de flanco, e o exito do ataque torna-se, pois, muito duvidoso.

O problema ficava de pé: consistia ele, saber encontrar o meio de abrir brecha nas linhas do adversario e destruir bruscamente os órgãos de flanqueamento no momento propicio em que as tropas se lançavam ao assalto.

A solução deu-lh'a a guerra de minas. Os fornilhos colocados sob as defezas accessorias ou das metralhadoras do inimigo produzem essas brechas.

A dificuldade está em colocar os fornilhos nos pontos desejados.

O inimigo conhece a sua importancia e protege-os com um sistema de contra-minas carregadas, desde que os trabalhos do adversario indiquem ser sua intenção atacar por meio de minas. Para descobrir este, colocam-se escutas na extremidade de cada ramal de contra-mina: Logo que se ouvem os primeiros ruidos, tomam-se as medidas convenientes.

E' então quando a guerra de minas entra em plena acção. O contacto estabelece-se por meio das escutas.

O labirinto das galerias e dos ramais de combate oferecem as seguintes dificuldades; o transporte das desmontagens e a sua evacuação para o exterior, os fornilhos do inimigo, como tambem os secundarios que este constre, abertos á força na suposta direcção dos trabalhos de ataque para provocar o seu desmoronamento.

A terra é retirada dos ramais de combate, quer em bolsas, quer em carros de minas. Nas galerias o transporte faz-se, já com plataformas rolantes sobre via de 20 cent., já com carrinhos de mão.

A organização das escutas permite evitar ser-se surpreendido por explosões dos fornilhos secundarios do inimigo.

As suas funções são das mais delicadas, e consistem em determinar a direcção, a altura e a distancia dos ruidos, cuja intensidade varia com a natureza do objecto que os provoca e os terrenos encontrados. Ordinariamente, servem de escutas, sapadores especialmente treinados desde o tempo de paz, sem o auxilio de aparelho.

Para obter mais nitidez, utilizam-se tamborems e tambem microfones especiais.

Se a actividade desenvolvida pelos adversarios é identica, se a atenção e o valor técnico dos escutas são iguais, difficilmente se chega a colocar um fornilho debaixo de trincheira inimiga.

Quando um silencio prolongado se assinala do lado do inimigo apoz um intenso periodo de trabalho, pode-se assegurar que se está procedendo á carga de um fornilho principal ou secundario e desde esse momento, tomam-se as medidas de segurança que as circunstancias exigem.

A carga da camara de minas exige algumas horas para fornilhos de certa importancia.

A explosão provoca-se electricamente ou por meio de rastilhos que ardem á razão de 7^m por segundo.

Se no momento da explosão a linha de menor resistencia do fornilho passar por uma galeria ou por uma obra qualquer do adversario, estas ficam completamente destruidas.

A importancia da carga do fornilho depende da natureza do subsolo e da distancia do centro da carga á superficie do subsolo.

Quando a luta subterranea adquire intensidade, exige um consumo enorme de explosivo.

PARTE MARITIMA

Almanaque

A guerra subterranea e de natureza progressiva e de caracteristico de guerra de attricao. O objectivo principal e a destruição da linha de menor resistencia do fornilho do adversario. A guerra subterranea e de natureza progressiva e de caracteristico de guerra de attricao. O objectivo principal e a destruição da linha de menor resistencia do fornilho do adversario. A guerra subterranea e de natureza progressiva e de caracteristico de guerra de attricao. O objectivo principal e a destruição da linha de menor resistencia do fornilho do adversario.

Quando se adquirem os pontos de menor resistencia, a guerra subterranea torna-se de natureza progressiva e de caracteristico de guerra de attricao. O objectivo principal e a destruição da linha de menor resistencia do fornilho do adversario.

Quando se adquirem os pontos de menor resistencia, a guerra subterranea torna-se de natureza progressiva e de caracteristico de guerra de attricao. O objectivo principal e a destruição da linha de menor resistencia do fornilho do adversario.

Quando se adquirem os pontos de menor resistencia, a guerra subterranea torna-se de natureza progressiva e de caracteristico de guerra de attricao. O objectivo principal e a destruição da linha de menor resistencia do fornilho do adversario.

Quando se adquirem os pontos de menor resistencia, a guerra subterranea torna-se de natureza progressiva e de caracteristico de guerra de attricao. O objectivo principal e a destruição da linha de menor resistencia do fornilho do adversario.

II

PARTE MARITIMA

Alemanha

A navegação submarina e os seus progressos.—Ocorreram ultimamente dois incidentes sensacionais que foram divulgados e comentados por todo o genero de publicações de todos os países.

Os dois incidentes a que nos referimos, bem conhecidos de todos, são os respeitantes :

a) A' viagem através do Atlantico do submarino comercial *Deutschland*.

b) Ao apresamento pelos ingleses de um submarino alemão que apparecera no Tamisa.

A revista inglesa *Engineering*, no numero de 28 de julho ultimo, publica umas fotografias destes dois submarinos e faz comentarios—principalmente de caracter técnico—acerca deles.

A respeito do submarino comercial *Deutschland*, são conhecidos os seguintes dados :

Comprimento da quilha, 300 pés (aproximadamente 100 metros) ;

Força motriz, 2:600 cavalos ;

Velocidade em superficie, 14 nós ;

Capacidade de carga util a transportar, 350 toneladas.

Quanto ao submarino de guerra apresado, trata-se de um tipo antiquado, que sendo já pouco adequado pela sua escassa tonelagem e velocidade para prestar o serviço da sua classe, foi utilizado simplesmente como barco lança-minas. O certo é que carece de tubos de lançar torpedos (e portanto de torpedos) e de artilharia ; levando unicamente a bordo uma dotação de minas derivantes e uns dispositivos muito curiosos para as deitar quando se desce, acerca das quais o *Engineering* dá alguns detalhes.

Alem disso, ainda não se tem publicado dados numericos deste submarino ; o *Engineering* julga que se trata de um barco com umas 200 toneladas de deslocamento, uma quilha de uns 110 pés e uma largura de uns 11 pés, o qual parece ter sido construido por secções (em numero de três) para poder ser transportado em peças por caminho de ferro ou por via fluvial.

De toda a maneira, o essencial a assinalar são as duas orientações ou applicações novas da navegação submarina que estes dois barcos indicam. E alem disso, o *Engineering* diz que existem na Alemanha novos tipos de submarinos em construção, entre os quais se fala de um *submarino-cruzador* de 5.000 toneladas, com 400 pés de quilha, com blindagem e armamento similares aos que se empregam nos cruzadores protegidos ordinarios de tonelagem media.

Diz-se que as maquinas destes cruzadores-submarinos são susceptíveis de deslocar 18.000 cavalos de força, o que lhes permitirá navegar com a velocidade de 26 nós á superficie e de 16 submergidos. O seu raio de acção é avaliado em umas 18 a 20.000 milhas marítimas, o que quer dizer que estes cruzadores podem ir do Baltico ao Japão sem precisar de se aprovisionarem de combustivel.

A verdadeira historia da batalha de Jutlandia. — Sob este titulo publica o *Scientific American* uma informação da qual transcrevemos o seguinte trecho :

«O ensinamento predominante que essa batalha permite obter e que é muito superior a todos os mais, pela sua excepcional importancia, é a influencia do canhão de grosso calibre e largo alcance. Desde o principio da batalha até final, durante as 5 horas de terrivel e furioso combate, o que se passou não foi mais que um duelo entre artilheria. A' concentração do fogo dos canhões alemães de 11 e 12 polegadas foi devida a destruição dos três cruzadores de batalha ingleses, a explosão dos seus paioes e o seu fraccionamento em pedaços. E do mesmo modo, aos certos tiros da artilheria dos couraçados ingleses de linha, foi devido a ir a pique meia duzia dos principais navios da esquadra alemã e haver recebido outros navios damnos mais ou menos importantes que os obrigaram a recolher ao porto em más condições. Nem os submarinos, nem os «zeppelins», desempenharam papel importante neste tremendo combate naval, o mais terrivel que se conhece».

BIBLIOGRAFIA

I — LIVROS

França

- 1 *Armée belge*. C. I. S. L. A. A. *Tir contre objectifs aériens*. In-16, 28 p. avec fig. Berger-Levrault, Paris, 1916.
- 2 CAZIM, chirurgien en chef de l'hôpital annexe du Val-de-Grâce n.º 3. *Notes chimiques et thérapeutiques de chirurgie de guerre*. In 8, 100 p. avec fig. Maloine et fils, Paris.
- 3 CEYROMET DE LAFONYIELLE (G. C. A.) docteur en médecine. *Essai sur la défense sanitaire des troupes en campagne* (thèse). In-8, 86 p. Bordeaux, 1915, *Université de Bordeaux, Faculté de médecine et de pharmacie. Année 1915-1916. N.º 2.*
- 4 *Artillerie de campagne, Matériel de 75 à tir rapide*. In-12, 132 p. avec fig. et planches. Ch.-Lavauzelle, 1916 Fr. 3,50
- 5 BAROT (docteur). *Sur l'évacuation des blessés de première ligne*. In-8, 8 p. avec fig. Angers, 1916.
Extrait des «Archives médicales d'Angers».
- 6 CAIX DE SAINT-AYMOUR (comté de). *Guerre de 1914. La marche sur Paris de l'aile droite allemande, les derniers combats, 26 août-4 septembre 1914*. In-8, 139 p. Ch.-Lavauzelle, Paris, 1916 Fr. 2
- 7 JEAN-BERNARD. *Histoire générale et anecdotique de la guerre de 1914*. Fascicule 6. In-8 à 2 couleurs, p. 353 à 386. Berger-Levrault, Paris, 1916. Cent. 75
- 8 LAFON (lieut. de vaisseau C.) et aéroneute. *Les armées aériennes modernes. France et Etranger*. Ouvrage suivi d'une étude sur l'action des flottes aériennes pendant la guerre 1914. Avec huit croquis ou gravures dans le texte. In-8, 270 p. Ch.-Lavauzelle, Paris Fr. 4

Inglaterra

- 1 *A B C Guide for Attested and Unattested*. 32mo, swd. E. J. Larby 1d
- 2 BADEN-POWELL (W.) *Sea Scouting and Seamanship for Boys*. New ed. Cr. 8vo, swd., pp. 198. J. Brown. net 1/6
- 3 *Brassey's Naval Annual, 1916*. Conducted by Earl Brassey. Edited by John Leyland. (War Edition). Cr. 8vo, pp. 324. Clowes net 10/
- 4 BROWNE (G. W.) *Courts-Martial for Presidents and Members*. Small 4to, pp. 116. Harrison & Sons. net 5/
- 5 BUCHAN (John) *Nelson's History of War. Vol. xii. The Retreat from Bagdad, the Evacuation of Gallipoli, and the Derby Report*. Cr. 8vo, pp. 246. Nelson net 1/3

- 6 CABLE (Boyd) *Action Front*. Cr. 8vo, pp. 280. *Smith Elder* net 5/
 7 CABLE (Boyd) *Doing Their Bit : War Work at Home*. With a Preface by the Right Hon. David Lloyd George. Cr. 8vo, pp. 134. *Hodder & S.* net 1/3
 8 CAMERON (R. D. J.) *Infantry Scouting*. A Practical Manual for the Use of Scouts in Training at Home and at the Front. 18mo, bds., pp. 120. *J. Murray* net 1/
 9 CODDINGTON (F. J. O.) *Soldier's Guide to obtaining State Assistance under the Militar Service* (Civil Liabilities) Regulations. 12mo, pp. 86. *Gale & Polden* net 1/
 10 *Crusading at Anzac, Anno Domini 1915*. Pictured and Described by Signaller Ellis Silas. Cr. 8vo. *British Australasian* net 2/6
 11 *Dictionary of English and German Military Terms, and of other Words Useful to Officers. Part II. English-German*. Edited by Captain C. F. Atkinson. 18mo, pp. 180. *Hugh Rees* net 2/6
 12 FIENNES (Gerard) *Our Navy At War*. Cr. 8vo, swd., pp. 128. *Newnes.* net 1/
 13 *Fleets of the World, 1916. Classified according to types*. Oblong 8vo, pp. 198. *E. Nash* net 6/
 14 *French Mother in War Time (A) Being the Journal of Madame Edouard Drumont*. Trans. by Grace R. River Cr. 8vo, pp. 180. *E. Arnold* net 3/6
 15 *From Dug-Out and Billet. An Officer's Letters to His Mother*. Cr. 8vo, pp. 194. *Hurst & B.* net 2/6
 16 GRANDE (Julien) *A Citizen Army. The Swiss System*. With an Introduction by Colonel Feyler. Cr. 8vo, pp. 180. *Chatto & W.* net 3/6
 17 *Infantry Pocket Book*. A Concise Guide for Infantry Officers and N.C.O.'s. Compiled by Captain Leopold McLaglen. 18mo, swd., pp. 46. *Harrisson* net 1/
 18 «Jena» or «Sedan?» From the German of Franz Adam Beyerlein. Cheaper ed. Cr. 8vo, pp. 366. *Heinemann* net 1/
 19 *Joining the Army. All About the New Military Service Act*. 8vo, swd., pp. 16. «Daily Mail» 3d
 20 MACGILL (Patrick) *The Great Push : An Episod of the Great War*. Cr. 8vo, pp. 264. *H. Jenkins* net 2/6
 21 MACKENZIE (W. C.) *The War Diary of a London Sctt* (Alderman G. M. Macaulay), 1796-7, with a Review of the Year. Cr. 8vo, pp. 216. *Alex Gardner* net 3/6
 22 *On the Anzac Trail*. Being Extracts from the Diary of a New Zealand Sapper. By «Anzac». Cr. 8vo, pp. 220. *Heinemann* net 3/6
 23 PATERSON-SMYTH (J.) *The Men Who Died in Battle*. 2nd ed. Cr. 8vo, bds., pp. 68. *Hodder & S.* net 1/
 24 *Red Cross and Iron Cross*. By a Doctor in France. Cr. 8vo, pp. 158. *J. Murray* net 2/6
 25 SINGH (St. Nihal) *The King's Indian Allies : The Raias and Their India*. 8vo, pp. 320. *S. Low* net 7/6
 26 *Subaltern's Handbook of Useful Information*. By the Author of «Rapid Training of Recruits». 12mo, pp. 158. *Gale & Polden* net 2/6
 27 SWINTON (E. D.) and Percy (The Earl) *A Year Ago. Eye-Witness's Nar-*

- native of the War from March 30th to July 18th, 1915.* Cr. 8vo, swd., pp. 224. *E Arnold.* net 2/; 2/6
- 28 «*Times The*» *History of the War.* Folio, pp. 506. «*The Times*» 10/6; 12/6; 15/; 21/
- 29 WEBB-JOHNSON (Cecil) *The Soldiers' Manual of Foot Care and Foot Wear.* 18mo, swd., pp. 64. *Dryden Pub. Co.* net 6d
- 30 WYATT (Major G. N.) *Finding the Way by the Sun. Moon and Stars in the Northern Hemisphere Without the Aid of Plans or Tables.* Pp. 24 and charts. *Royal Artillery Inst. Prntg. House (Woolwich).*

II — PERIODICOS

Portugal

- 1 *Boletim de administração militar*, n.º 8 de agosto de 1916. As subsistências no exercito anglo-luso durante a Guerra Peninsular. Talavera, 1809. Serviços administrativos em campanha; revizão de regulamentos. Noticia historica do pessoal e serviços de administração militar. A administração militar francesa na batalha de Flandres. Instrução tactica das tropas de administração militar. Administração regimental. A Intendencia. O dia dum oficial provisor. Africa oriental alemã. Impermeabilização dos tecidos. Reconhecimento de fibras textis. Administração militar nas colonias.
- 2 *O Instituto*, n.º 8 de agosto de 1916. Caligrafos e iluminadores portugueses. Criterio para a organização duma autologia literaria. Memorias arqueologico-historicas do distrito de Bragança. Memorias de Carnide. Antigas posturas da Camara de Vila da Horta da Ilha do Faial. O Fausto de Gœthe.
- 3 *Revista de artilharia*, n.º 145 de julho de 1916. A tactica e a tecnica da artilharia de campanha. Retalhos da guerra. Os gazes asfixiantes e os liquidos inflamaveis.
- 4 *Revista de medicina veterinaria*, n.º 179 de agosto de 1916. Hipologia e Folkloire — Cavalo Tremedal. Medicina veterinaria colonial. O ensino medico-veterinario. O mormo em Portugal. Estrela Vermelha — Estatistica nosologica de campanha.
- 5 *Revista dos sargentos portugueses*, n.ºs 15 e 16 de 15 e 30 de agosto de 1916. Portugal na guerra. Promoções. Serviços de saude navais. Avante soldados! Problemas tacticos. Sargentos ajudantes preteridos. O Legionario. Licença de porte de arma. Officiais milicianos. Assuntos coloniais. Coisas de marinha. Os sargentos coloniais. Eça de Queiroz moribundo. Officiais do quadro auxiliar de artilharia. Quadro de amanuenses militares. Portugal e a sua marinha mercante. Auxiliares do serviço naval.

Argentina

- 1 *Revista del circulo militar*, n.º de agosto de 1916. Memoria 1915-16. Reflexiones sobre la ley 4:707. Plan de instruccion del regimiento. Im-

portancia del suboficial de infantería e instrucción que requiere. Como debe ser armada la caballería. Organización.

- 2 *Revista militar*, n.º 282 e supl. de julio de 1916. Instrucción del grupo de la artillería montada. Sobre tiro de combate en la Infantería. Cruz Roja argentina. El general San Martín en el Perú.

Colombia

- 1 *Memorial del Estado Mayor del ejército de Colombia*, n.º 48 de junio de 1916. Envío de oficiales a Europa. Patria y Ejército. Napoleón jefe de Ejército. Manera de armar los cuerpos. Catecismo del jinete desmontado. Piar y la Expedición de las Congas. Adiantamiento del caballo de guerra. Nuevos submarinos alemanes. El cañón alemán de 17 pulgadas. Ametralladoras. La cirugía en la guerra. Estudios sobre infantería.

Espanha

- 1 *Boletín de intendencia e intervención militares*, n.º 57 de agosto de 1916. Algo sobre lubricantes. Reglamentación de las harinas zanquis. Notas sueltas.
- 2 *Estudios militares*, n.º 2 de agosto de 1916. El tiro de infantería en la actual guerra. La guerra europea: Crónica político-militar. Valor real de las armas con aplicación al estudio táctico de una campaña moderna. Apuntes históricos (1914-1916).
- 3 *La guerra y su preparación*, n.º 4 de agosto de 1916. La administración de la guerra en Austria-Hungría. Conceptos generales de la movilización italiana. Sanidad en los Estados Unidos. El paso de los evacuados a través de Suiza. La movilización industrial en los Estados Unidos. Los combates de Wlazlawek, Lodz y Lowiez, en los meses de noviembre y diciembre de 1914. Operaciones en Mesopotamia hasta la rendición de Kut-el-Amara. Notas sobre fortificación. Pruebas exigidas para la admisión de pilotos aviadores en Francia.
- 4 *Memorial de artillería*, n.º de agosto de 1916. El tiro de varias alzas en nuestras baterías de campaña. La electroquímica en las aleaciones del cobre. Caballos para el servicio de la Artillería en España.
- 5 *Memorial de caballería*, n.º 2 de agosto de 1916. Proyecto de organización militar. La equitación y la moda, incompatibles. Carta abierta. Viaje de instrucción ejecutada por los jefes de las unidades superiores de caballería, en la 6.ª región: Gama de edades. La caballería moderna. Crónica de la guerra. Academias, regimientos y escuelas. Necrología. África. Deportes hipicos.
- 6 *Memorial de infantería*, n.º 55 de agosto de 1916. Tiro de infantería contra aeronaves. Gráfico de rasancias máximas. Los enlaces en el campo de batalla. Los españoles en África. Estudios napoleónicos. La Academia de Infantería —Prácticas finales de curso. Las banderas condecoradas de los cuerpos de infantería.
- 7 *Revista técnica de infantería y caballería*, n.ºs de 1 e 15 de agosto de 1916. Los nombres de los cuerpos de infantería y caballería. Estudios sobre infantería. Flores del heroísmo. Obras geográfico-estratégicas.

Estudios de estrategia y tactica general. La obra militar de la Revolucion francesa. «El Memorial de Caballeria». El primer Monarca español. De la guerra mundial — Impresiones hespanófilas.

Italia

- 1 *Rivista di cavalleria*, n.º de 15 de agosto de 1916. Forza numerica degli ufficiali dell'Arma di Cavalleria. Da un Mese all'Altro. Cinque giornale in trincea. Velivele nemico abbattuto nelle valle del fiume Chiampo. Evoluzione — Trasformazione della Guerra. Cronisteria della cavalleria nella guerra della nazioni. Al capitano Clerici Umberto.

Mexico

- 1 *Tohtli*, n.º 6 de junho de 1916. Por la patria y por la raza. El primer piloto aviador del ejercito constitucionalista. Escuela : inauguración de las classes teoricas sobre aviación. El aeroplano en Europa. El paso del motor en aeroplano y el decurso en «solplane». Aviación naval, su valor y sus necesidades. Conferencia demonstrativa sobre el Arte del vuelo práctico. Progressos recientes de la aeronautica militar.

Perú

- 1 *Boletin del Ministerio de guerra y marina*, n.º de junho de 1916. Conferencias dadas en la Academia de Estado Mayor (curso de infanteria, administración militar, Caballeria, La fortificación ligera). La educación fisica en el Perú. Higiene de la alimentación. Rumenia en armas.